



# O anticlericalismo na caricatura sul-rio-grandense do século XIX

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES**

**67**



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
www.uab.pt  
Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais  
2020-2025





**O anticlericalismo na  
caricatura sul-rio-  
grandense do século  
XIX**



COLEÇÃO  
RIO-GRANDENSE



## CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

**Alvaro Santos Simões Junior**

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

**António Ventura**

- Universidade de Lisboa -

**Beatriz Weigert**

- Universidade de Évora -

**Carlos Alexandre Baumgarten**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

**Ernesto Rodrigues**

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Francisco Gonzalo Fernandez Suarez**

- Universidade de Santiago de Compostela -

**Francisco Topa**

- Universidade do Porto -

**Isabel Lousada**

- Universidade Nova de Lisboa -

**João Relvão Caetano**

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

**José Eduardo Franco**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Maria Aparecida Ribeiro**

- Universidade de Coimbra -

**Maria Eunice Moreira**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

**Maria Cristina Firmino Santos**

- Universidade de Évora -

**Vania Pinheiro Chaves**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

# O anticlericalismo na caricatura sul-rio- grandense do século XIX



CIPSH  
INTERNATIONAL COUNCIL OF PHILOSOPHY AND HUMAN SCIENCES  
CONSEJO INTERNACIONAL DE LA FILOSOFIA Y LAS CIENCIAS HUMANAS

UNIVERSIDADE  
**AbERTA**   
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)

**Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais**  
2020-2025



**Biblioteca Rio-Grandense**

Lisboa / Rio Grande  
2024

## **DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO**

### **DIREÇÃO:**

José Eduardo Franco (Coord)  
Carla Oliveira  
Cécile Méadel  
Fabrice d'Almeida  
João Luís Cardoso  
José Ignacio Ruiz Rodríguez  
Valérie Dévillard  
Pierre-Antoine Fabre

### **COMISSÃO PEDAGÓGICA:**

João Relvão Caetano (Coord.)  
Darlinda Moreira  
Jeffrey Scoot Childs  
Rosa Sequeira  
Sandra Caeiro

### **ASSESSORIA EXECUTIVA:**

Cristiana Lucas (Coord.)  
José Bernardino  
Milene Alves  
Paula Carreira  
Susana Alves-Jesus

## **DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE**

**Presidente:** Francisco das Neves Alves  
**Vice-Presidente:** Pedro Alberto Távora Brasil  
**Diretor de Acervo:** Ronaldo Oliveira Gerundo  
**1º Secretário:** Luiz Henrique Torres  
**2º Secretário:** Marcelo França de Oliveira  
**1º Tesoureiro:** Valdir Barroco  
**2º Tesoureiro:** Mauro Nicola Póvoas

### **Ficha Técnica**

- Título: O anticlericalismo na caricatura sul-rio-grandense do século XIX
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 67
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2024

ISBN - 978-65-5306-027-2

**CAPA:** O DIABRETE. Rio Grande, 30 jan. 1881.

### **O autor:**

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.



## Apresentação

Um dos elementos constitutivos mais recorrentes nas páginas da imprensa caricata sul-rio-grandense foi uma oposição ao clero em particular e à Igreja em geral. O anticlericalismo se constituiu em uma “atitude de crítica contra a corrupção e os vícios, a hipocrisia e a ganância, a prepotência e a intolerância da ordem sacerdotal”, a qual era “acusada de trair e de se afastar dos princípios evangélicos”. Tal proposta justificava e sustentava “uma tendência à laicização do Estado e da sociedade, dos costumes e da mentalidade” e encontrou eco através do jornalismo, ao atingir “grande parte da imprensa”, bem como promoveu “uma forte literatura crítica e uma literatura de divulgação popular”<sup>1</sup>.

Tal princípio ressaltava o quanto seria “nocivo o papel desempenhado pela Igreja como instituição na sociedade brasileira”, além das “críticas ao comportamento do clero”, de maneira que esses “críticos da Igreja alertavam para a corrupção e ignorância do clero”. Em relação ao Brasil, o liberalismo foi “anticlerical por definição, de modo que fazer a crítica do ultramontanismo tornou-se obrigação de todo pensador liberal”, e, nesse quadro, “também a imprensa liberal foi recorrentemente anticlerical”, como era o caso de vários dos periódicos caricatos gaúchos. Nesse

---

<sup>1</sup> VERUCCI, Guido. Anticlericalismo. In: BOBBIO, Norberto *et al* (dir.). *Dicionário de Política*. 4.ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992. v. 1. p. 32.

contexto, o anticlericalismo teve um incremento, depois da instauração da República, com “sua postura hostil em relação à Roma, e à Igreja”, que “passou a ser vista como uma potência estrangeira a imiscuir-se nos negócios brasileiros”<sup>2</sup>.

O projeto anticlerical “advogava a supremacia do poder temporal e pretendia remeter a Igreja para as funções meramente espirituais”, além disso, “ideais”, como “liberdade, justiça, racionalidade científica, autonomia e progresso pertencem ao mundo temático do anticlericalismo”<sup>3</sup>. Na virada do século XIX ao XX, “o anticlericalismo se tornou um problema central da política dos países católicos” levando em conta “duas razões principais”, ou seja, “a Igreja Católica Romana optara por uma rejeição total da ideologia da razão e do progresso”, bem como “porque a luta contra a superstição e o obscurantismo, mais que dividir capitalistas e proletários, uniu a burguesia liberal e a classe trabalhadora”<sup>4</sup>.

Essa “crítica à Igreja Católica assumiu diversas formas” e, dentre elas, “monges e frades, por exemplo, foram alvos constantes de ideias anticlericais”, desencadeando-se assim “uma postura crítica referente

---

<sup>2</sup> SOUZA, Ricardo Luiz de. O anticlericalismo na cultura brasileira: da colônia à república. In: *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, n. 37, p. 175-199, abr. 2005. p. 183, 188, 189 e 192.

<sup>3</sup> CARVALHO, José. Anticlericalismo/anticatolicismo e clericalismo/ catolicismo em Portugal nas vésperas da I República (1881-1910) – breve panorâmica histórica. In: *Revista Lusófona de Ciência das Religiões* – nº 20 (2017) p. 285-286.

<sup>4</sup> HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos impérios (1875-1914)*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 368.

## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

ao monasticismo, sendo os mosteiros e conventos vistos, muitas vezes, como instituições inúteis, perniciosas e dispendiosas”. Tais princípios anticlericais definiram “como nocivo o papel desempenhado pela Igreja como instituição na sociedade brasileira”, além de terem tecido severas “críticas ao comportamento do clero”<sup>5</sup>. Com as suas múltiplas modalidades, o anticlericalismo “deu-se desde as mais moderadas até as mais radicais, ou seja, em suas diferentes manifestações, ele poderia tanto defender a sua reforma”, ou mesmo advogar a sua supressão. Tal princípio “pode referir-se à crítica da Igreja enquanto instituição, negando seu próprio direito de existência ou reconhecendo-o, mas apontando seus desvios”. Ele “também pode se expressar em termos cognitivos, a partir da descrença em relação à fé e às formas de conhecimento da realidade derivadas do catolicismo”, ou ainda “em termos comportamentais, a partir da adoção deliberada de comportamentos contrários às normas católicas, em sociedades nas quais tais normas permanecem vigentes”<sup>6</sup>. Abordar a questão do anticlericalismo nas páginas dos periódicos ilustrados e humorísticos rio-grandenses-do-sul voltados à divulgação das caricaturas constitui o objetivo deste livro.

---

<sup>5</sup> SOUZA, p. 182-183.

<sup>6</sup> SILVA, Michel Goulart da. O anticlericalismo no jornal *O Livre Pensador*. In: *Anos 90 – Revista do Programa de Pós-Graduação em História*, Porto Alegre, v. 26, 2019, p. 4-5.



# SUMÁRIO

**O anticlericalismo na imprensa caricata porto-alegrense e pelotense / 15**

**O periodismo ilustrado-humorístico rio-grandino e o anticlericalismo / 53**



# O anticlericalismo na imprensa caricata porto-alegrense e pelotense

As cidades de Porto Alegre e Pelotas constituíram algumas das localidades mais relevantes do Rio Grande do Sul no século XIX, a primeira por ser o centro político-administrativo provincial/estadual, a segunda por ter papel significativo na produção pecuário-charqueadora sul-rio-grandense. O crescimento econômico de tais urbes trouxe consigo a ampliação do espaço para as práticas culturais, dentre elas o desenvolvimento do periodismo. Na segunda metade dos Oitocentos, Porto Alegre e Pelotas contavam com jornais dos mais diversificados gêneros, dentre eles aqueles voltados à difusão da caricatura, com um norte editorial embasado na crítica, na ironia, na sátira e no humor.

Em Porto Alegre deu-se a gênese da imprensa caricata sul-rio-grandense, iniciando-se a existência desse gênero jornalístico na década de 1860 e desenvolvendo-se pelos decênios seguintes<sup>7</sup>. Um desses periódicos intitulou-se *O Fígaro*, que circulou entre os anos de 1878 e 1879. Em parte de seu conteúdo programático, expresso por meio de versos, destacava o

---

<sup>7</sup> A respeito da imprensa caricata porto-alegrense, ver: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata no Rio Grande do Sul do século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 13-150.

seu norte editorial, ao dizer: “Eu venho respeitoso, alguma coisa tímido/ Pedir a proteção do povo hospitaleiro,/ Navalhas e pincéis, escovas e cosméticos/ Há tudo, e muito bom, em casa do barbeiro”. Na primeira edição aparecia ainda o programa do semanário, também estampado na forma de versos, aludindo aos vários instrumentos de trabalho do barbeiro que, figurativamente, seriam utilizados a serviço da caricatura, notadamente a navalha que, afiada, em muito serviria para a realização da crítica<sup>8</sup> (O FÍGARO, 6 out. 1878). Tal semanário realizou várias manifestações anticlericais.

Em época do feriado dedicado aos mortos, *O Fígaro* mostrava um clérigo mal-encarado, pensando nos lucros obtidos naquele período marcado pela religiosidade, ao explicitar suas reflexões sobre “para quem foi inventado o dia de finados”, vindo a concluir que no mesmo dissera “quantas missas pude e mais diria se me as pagassem” (O FÍGARO, 3 nov. 1878). Já em outra caricatura, uma manopla empurrava um padre, com a constatação de que um “vigário deve cantar melhor do que um canário”, no sentido de que precisava utilizar sua lábia para enganar os fiéis (O FÍGARO, 22 dez. 1878). Em referência ao momento religioso da quaresma e sua datação relacionada com o

---

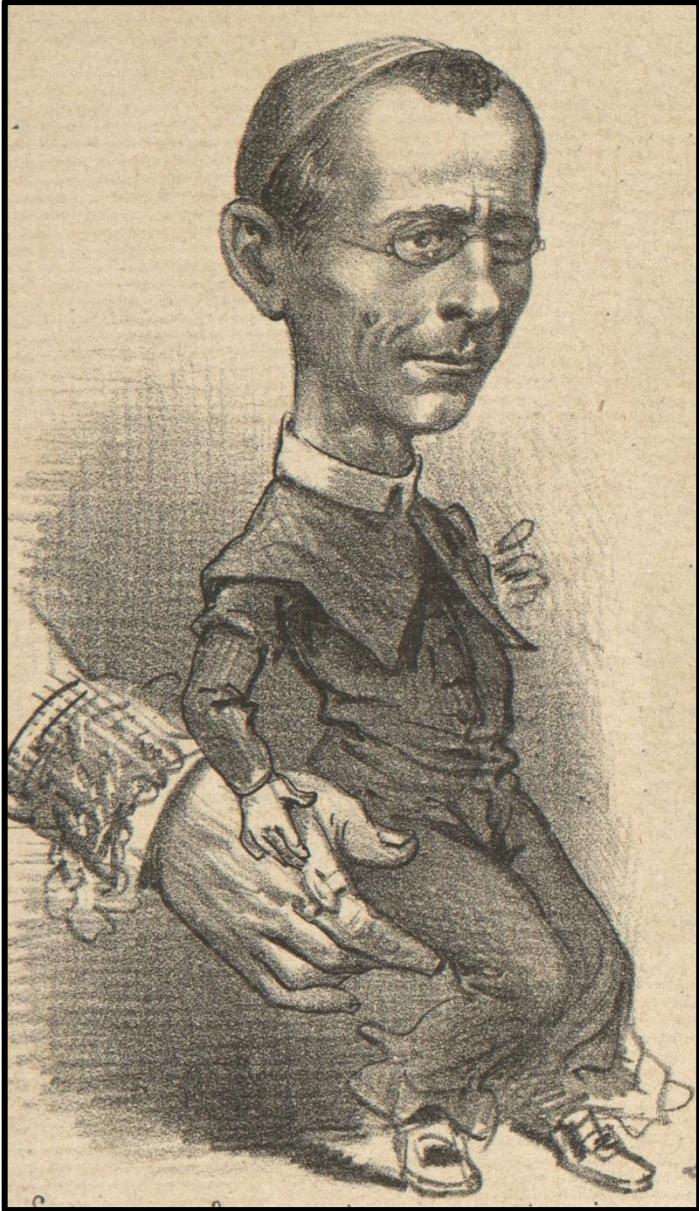
<sup>8</sup> Sobre *O Fígaro*, ver: ALVES, Francisco das Neves. *A mulher e a caricatura no Rio Grande do Sul: três estudos de caso*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019. p. 9-12; e ALVES, Francisco das Neves. *A mulher transmutada em símbolo no periodismo caricato porto-alegrense do século XIX*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 22-23.

## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

período do carnaval, o periódico mais uma vez buscava demonstrar os interesses predominantemente financeiro dos sacerdotes, caso de um deles que conversava com um homem dizendo-lhe que ele insultava “os apóstolos da religião”, ao que o interlocutor respondia que os padres eram “piores que Judas”, pois este “vendeu Cristo uma só vez”, enquanto os sacerdotes “fazem comércio todo o ano”. Na outra parte do desenho, o presbítero mostrava-se satisfeito com a possibilidade de vender licenças para casamentos na quaresma e indulgências, com a conclusão de que “a questão é de dinheiro, somente de dinheiro” (O FÍGARO, 9 mar. 1879).



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX



Apresentando um conjunto caricatural, o semanário trazia o papa profundamente preocupado com o avanço das ideias de separação entre a Igreja e o Estado (O FÍGARO, 23 mar. 1879). As preferências sacerdotais pelos aspectos pecuniosos tão abordada pela folha caricata voltavam em outro conjunto de desenhos, mostrando que o resultado das ações clericais, como ao torcer um pano, rendia dividendos, bem como tratava com jocosidade a comercialização de produtos supostamente sacros, como o caso de uma “milagrosa água”, que não passava do líquido oferecido pela companhia hidráulica. Por outro lado, mostrava dois sacerdotes que discutiam asperamente entre si, só que, ao invés das motivações religiosas, prevaleciam as pecuniárias, representadas por um saco de moedas, com a constatação de que este era “o Deus que provoca as discussões destes mercadores do templo” (O FÍGARO, 6 abr. 1879). Em outra cena, diante de um cofre vazio e entregue às teias de aranha, três padres preocupavam-se

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

com a perspectiva de que “a religião do Estado está por terra”, pois “a Câmara Municipal não tem dinheiro para *Te deum*”, constituindo isso uma “grande bandalheira”, enquanto eles ficavam a “chupar o dedo” (O FÍGARO, 13 abr. 1879).

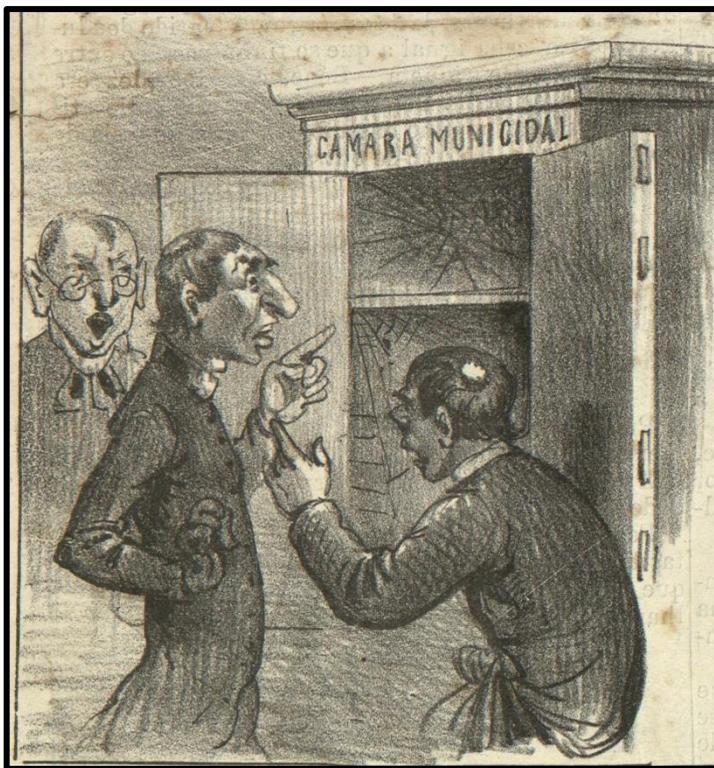


O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX





## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX



Também de Porto Alegre foi *O Século*, outra publicação ilustrada e humorística sul-rio-grandense, que, nessas condições, circulou entre 1880 e 1884. Em termos políticos, apresentou uma tendência mais voltada ao conservadorismo<sup>9</sup>. Ao apresentar-se, dizia que, sem títulos que o recomendassem, mas aspirando a nobres e

---

<sup>9</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. *Dicionário político do Rio Grande do Sul (1821-1937)*. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2010. p. 192.

elevados fins, pretendia enfrentar os obstáculos que se antepusessem à sua trilha. Dirigia-se “ao público” para demarcar que teria um programa pelo qual trataria de todos os assuntos com imparcialidade e critério, proporcionando aos seus favorecedores uma leitura variada e útil, circunscrita aos limites da boa moral. Além disso, declarava ter fé no porvir, esperando assegurar o seu posto no jornalismo provincial (*O SÉCULO*, 11 nov. 1880). Tal periódico obteve grande receptividade pública<sup>10</sup> e teve por base as tiradas chistosas, por vezes associadas ao escárnio e à crítica profunda, levando bem longe suas cutiladas. Esteve entre os mais longevos e, dentre os caricatos, foi o de maior tiragem e circulação da província e muito de seu êxito esteve ligado ao olhar ferino que lançava sobre a sociedade. Sua melhor fase estendeu-se desde a fundação até 1884, pois, depois disso, ainda teria vários anos de vida, mas apenas como folha literária, crítica e noticiosa, ou seja, sem o apreciado e indispensável complemento da charge<sup>11</sup>.

A presença do anticlericalismo foi recorrente nas páginas de *O Século*. Em uma delas, o periódico mostrava um padre mais preocupado com a divulgação

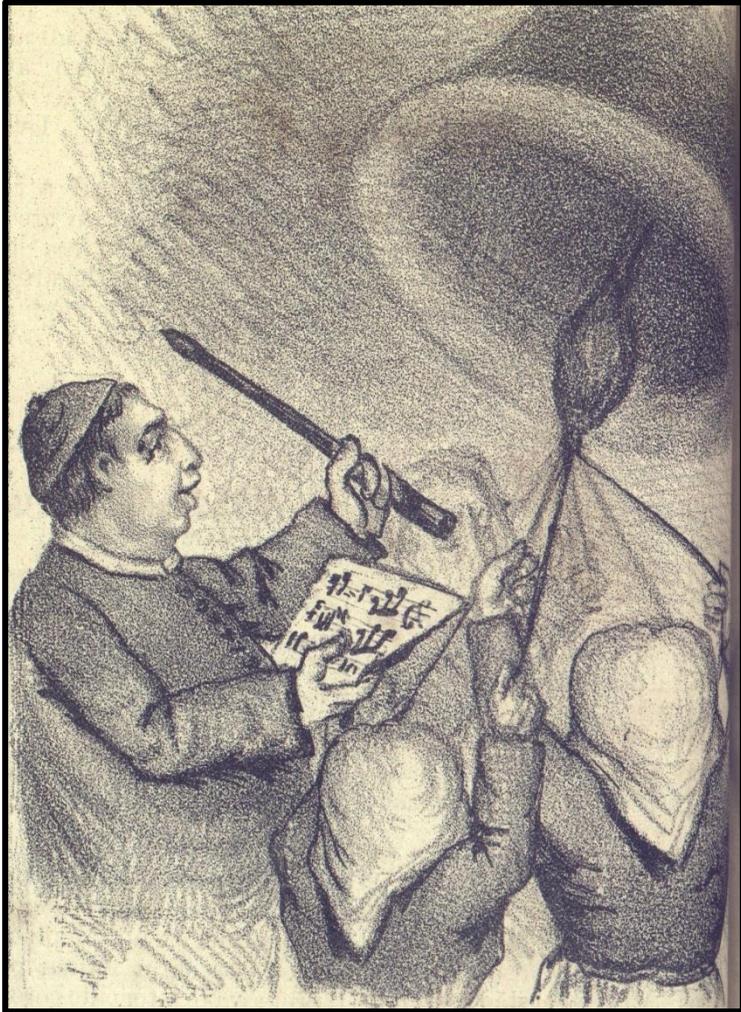
---

<sup>10</sup> RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. 3.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 41.

<sup>11</sup> FERREIRA, 1962. p. 90-125. Sobre *O Século*, ver: ALVES, Francisco das Neves. *A mulher e o casamento nas páginas do hebdomadário gaúcho O Século*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019. p. 7-8.; e ALVES, Francisco das Neves. *A mulher transmutada em símbolo no periodismo caricato porto-alegrense do século XIX*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 40-41.

## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

de suas missas do que com o conteúdo das mesmas, ação representada pela atenção redobrada para com o espocar do sino de seu templo (O SÉCULO, 24 jul. 1881). Clérigos e beatas protagonizavam outra caricatura, com os primeiros chegando a ser apresentados em figuração zoomórfica, em alusão aos males advindo das aves de rapina, todos a dançar alegremente, diante da circulação de um jornal que defendia as suas ideias (O SÉCULO, 18 set. 1881). Cenas no cemitério durante o Dia de Finados foram exibidas pelo semanário caricato, trazendo um cura que estaria prestes a quebrar seus votos celibatários, em uma possível aventura com uma viúva, que dizia, diante do túmulo do marido falecido: “Dorme descansado o sono dos justos, meu esposo, e não te aflijas pela minha sorte”, já que “encontrarei nesse virtuoso sacerdote quem faça perfeitamente as tuas vezes”, sendo esse, “o único consolo” que tinha. Na outra parte do desenho, os “ministros da religião” digladiavam-se entre si, transformando “o cemitério em mercado”, ao avançarem “como cães ao osso, contra o cobre dos pobres de espírito que ainda acreditam que os tais resposos” poderiam livrá-los “de sezões depois da morte” (O SÉCULO, 6 nov. 1881). O hebdomadário denunciava também as perseguições dos religiosos para com os jornais que divulgavam ideais anticlericais, com “as beatas e os jesuítas” correndo atrás de um repórter, prometendo lhe “furar um olho” (O SÉCULO, 27 nov. 1881).



O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX





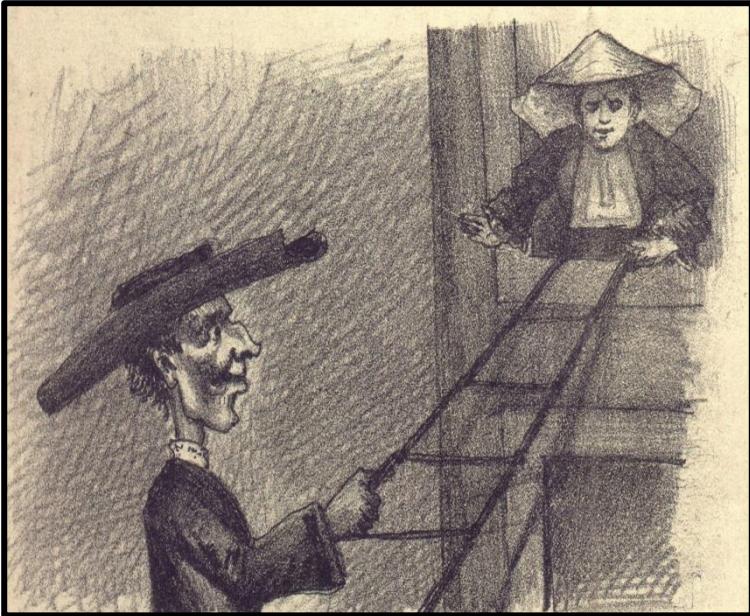
## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX



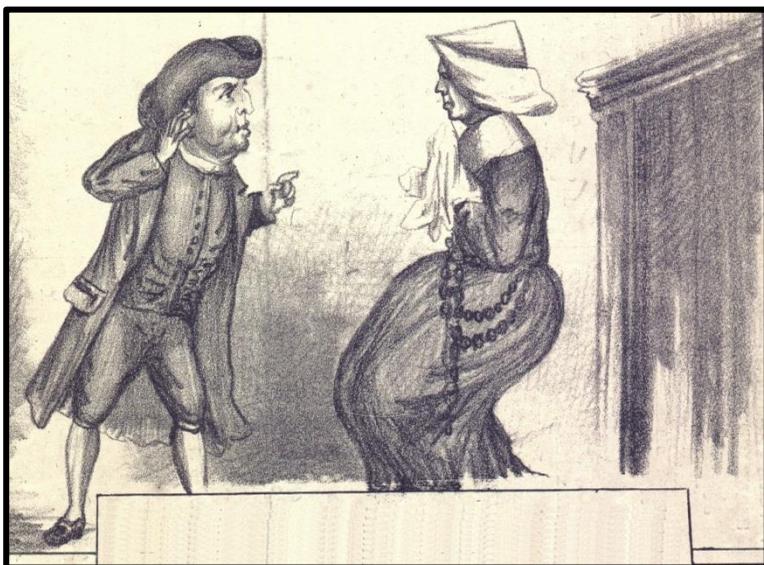
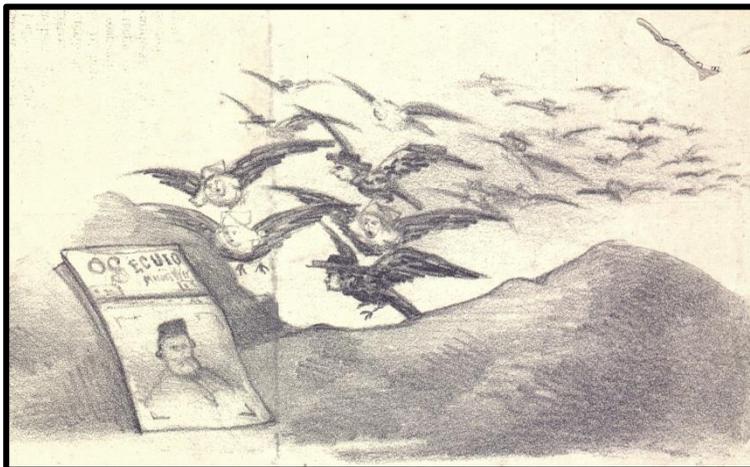
Um quadro caricatural publicada por *O Século* trazia por conteúdo a crítica de costumes, questionando o comportamento moral em meio à sociedade, como no caso das madres que comungavam “à meia-noite em honra do Menino Deus” e, para atendê-las, “os reverendos entram pelos fundos para não incomodarem a vizinhança”, em mais uma insinuação contra a quebra do celibato clerical (O SÉCULO, 16 jul. 1882). Referia-se também à reação dos religiosos para com as suas apreciações, ao retratar “a fradalhada e a madralhada”, alvoroçando-se “ao verem o último número do *Século*, como corvos a pressentirem a carniça”. O assunto persistia, com a conversa entre um padre e uma freira, com ambos considerando que seria uma “perversidade” a acusação de que os reverendos estariam a aplicar a comunhão a elas no horário da meia-noite (O SÉCULO,

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

25 jul. 1882). O periódico representou o confronto entre a religião e a ciência, simbolizadas por duas figuras femininas que se enfrentavam, considerando que aquele seria um “quadro desolador” na província, no qual “a ciência infalivelmente será vencida, para infelicidade de nossa terra”, pois “o fanatismo religioso invade até as classes superiores”, que mandavam “educar seus filhos” em instituições religiosas, “debaixo do regime da estupidez” (O SÉCULO, 13 maio 1883).



O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

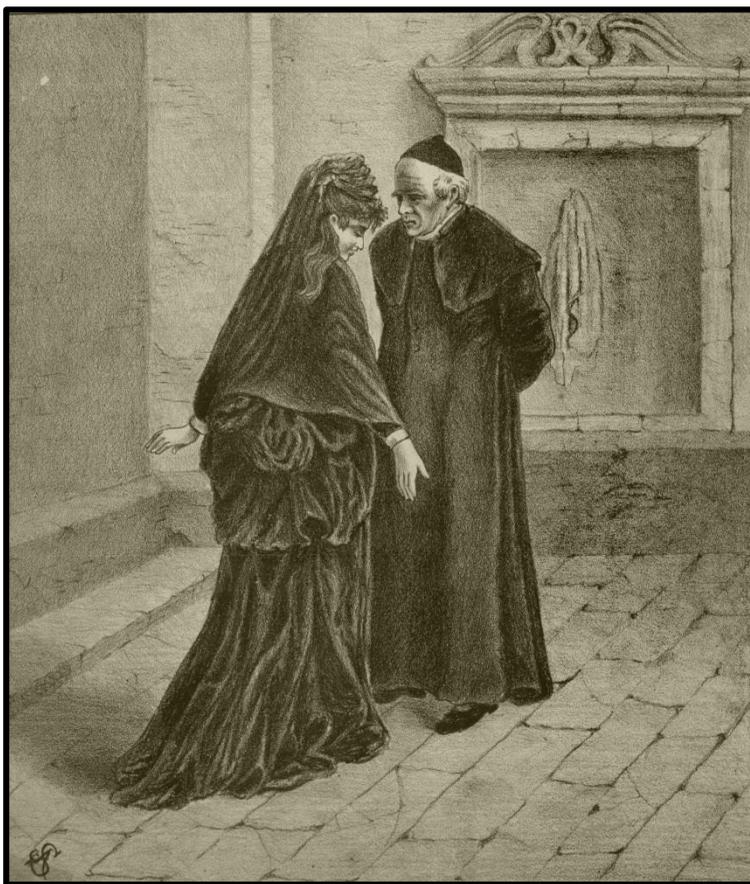


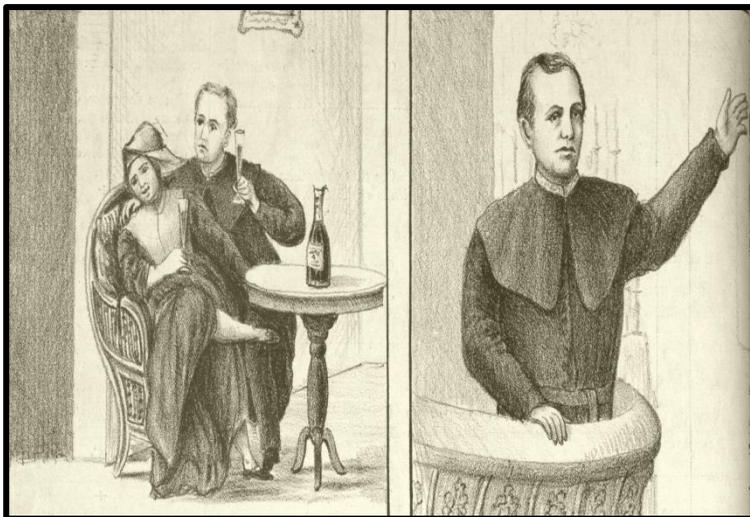


A crítica quanto à moral e aos bons costumes vinha à tona na questão anticlerical, ao mostrar um padre conversando com uma mulher, revelando algumas das hipocrisias da sociedade porto-alegrense de então, pois, enquanto o primeiro dizia: “Eu não a posso absolver filha, porque insistes na continuação de uma vida desregrada”, ofendendo “a sociedade com torpe ostentação”, como “sedas, brilhantes, carruagens e, no entanto...”; vindo a deixar os tais pecados da figura feminina no campo da insinuação, ao passo que ela respondia: “Ora, no entanto, padre, eu faço tudo isso porque tenho bons meios...” (O SÉCULO, 5 ago. 1883). Os religiosos mais uma vez atentando contra a castidade

## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

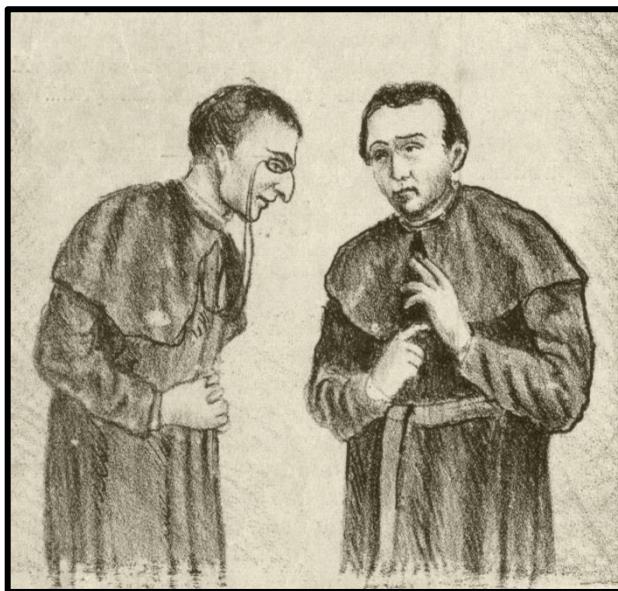
eram apresentados pela folha humorística, por meio de um sacerdote representado em suspeita proximidade com uma freira, acompanhado pela frase: “Na alcova *prova-as*”, enquanto, no púlpito da igreja, “Ihes apregoa as virtudes” (O SÉCULO, 2 set. 1883).

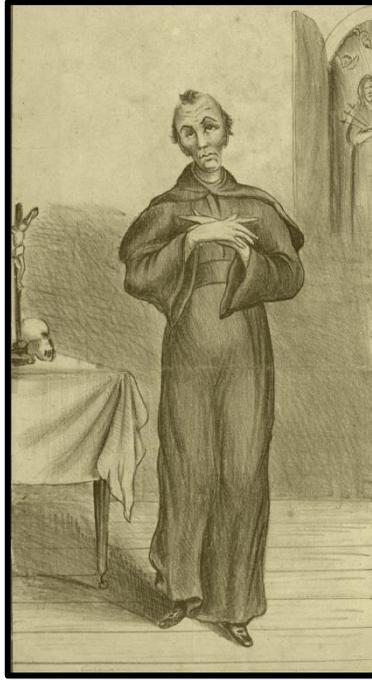




Perante as críticas exaradas contra os religiosos, *O Século* mostrou a figura que representava a sua redação tendo de fugir de uma turba enfurecida de frades e freiras, afirmando ironicamente que aqueles eram os riscos de mexer com tal assunto que constituía verdadeiro abelheiro. Em outra cena, um clérigo conversava com outro, reclamando que o “bispo marca os terços justamente para a hora em que posso estar com aquela *cachopa* lá de baixo” (*O SÉCULO*, 14 out. 1883). O tema era retomado, com um padre se mostrando indignado com a folha caricata, ao declarar: “Que calúnia Santo Deus! *O Século* falar da nossa pudicícia... Então eu, que fiz voto de castidade, e que vou ao colégio das madres” apenas “uma ou outra vez, para afinar-lhes o *órgão!*” (*O SÉCULO*, 16 mar. 1884).

O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

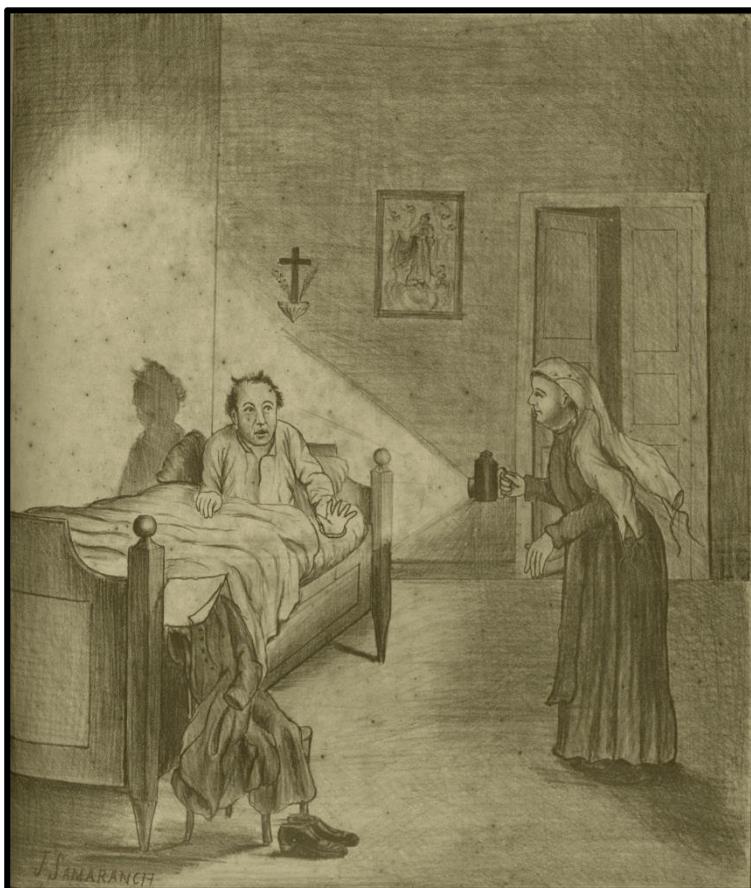




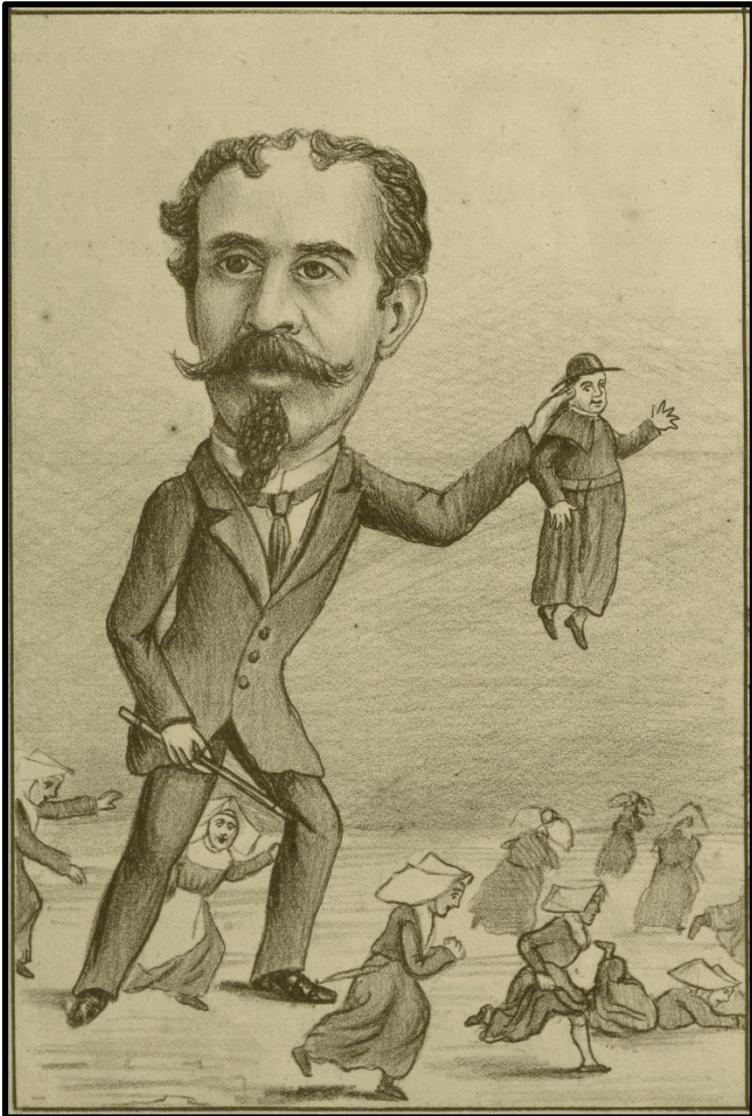
Com jocosidade e crítica ácida, o periódico demonstrava as relações carnisais entre dois religiosos, um padre que, na cama, perguntava: “Então, *madre-mia*, ainda não está satisfeita... de penitências?!”; ao que ela respondia: “Nada, nada, meu anjinho do Senhor! Eu venho buscar a minha capucha; com a pressa de sair botei em lugar dela, na cabeça, as vossas imaculadas ceroulas...” (O SÉCULO, 30 mar. 1884). A publicação ilustrada insistia em escancarar aquela questão, como ao trazer um médico que sacara “do *ventre puríssimo* de uma das madres um filhotsssssssse de jesuíta, todo vestidinho e pronto para dizer a missa”, revelando a

## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

paternidade do rebento (O SÉCULO, 15 jun. 1884). As acusações eram ainda mais graves, ao apresentar as figuras de um sacerdote, uma madre e uma criança, constatando que “foram encontrados um padre, uma freira e uma menina do colégio, em perfeito estado de impalpabilidade”, pois “tinham acabado de tirar sortes...” (O SÉCULO, 22 jun. 1884).



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX



Já na cidade de Pelotas, circulou entre 1879 e 1881 o *Cabrion*<sup>12</sup>, que se apresentou primeiramente como folha ilustrada de assuntos políticos e sociais, para depois simplificar o dístico, resumindo-o a folha ilustrada e humorística. Seu título repetia o de várias folhas do

---

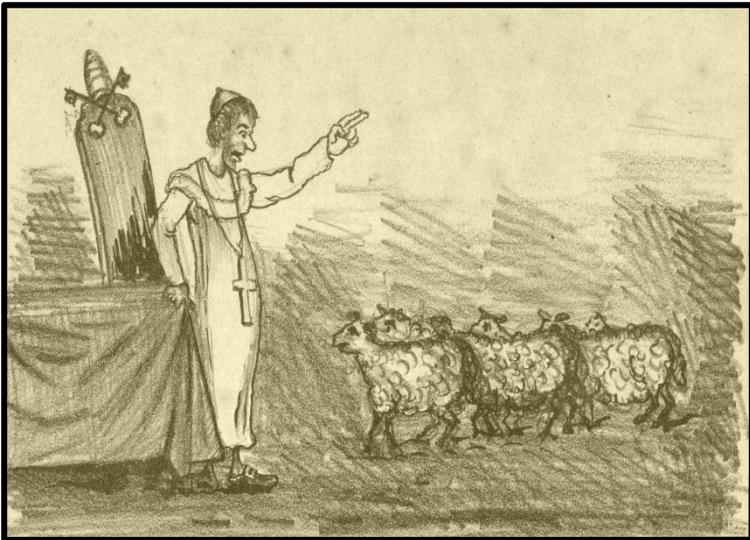
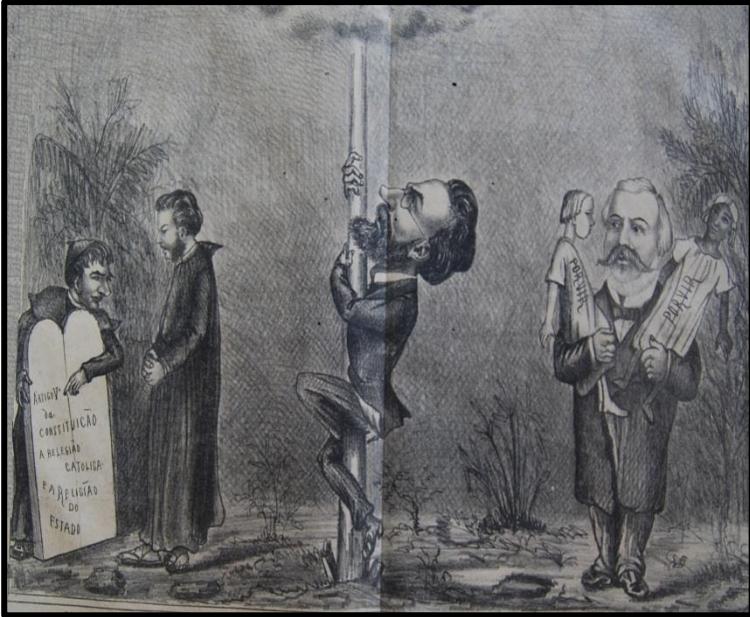
<sup>12</sup> A respeito do *Cabrion*, observar: ALVES, 2019. p. 35-36; e ALVES, Francisco das Neves. *A representação através do feminino na caricatura pelotense oitocentista*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 9-10.

mesmo gênero espalhadas pelo mundo e fazia referência ao ato de importunar, molestar ou perseguir incessantemente, bem de acordo com suas práticas críticas, ferinas e chistosas. O seu caráter crítico, censório e jocoso ficava demarcado no programa, ao dizer que seguiria “uma tradição”, constituindo “um tipo que ressurgiu da história para perseguir no presente a desonestidade, o abuso e a vilania”, buscando voltar-se para a execução de “um culto para o bem, uma homenagem de justiça para o mérito”, consagrando “todos os seus esforços em prol da democracia legítima” (CABRION, 10 fev. 1879).

Quanto às práticas anticlericais, o *Cabron* mostrava o que seria o caráter “pedante” de um frade, ao dar “começo à reforma da instrução”, mas que não passava de um clérigo conduzindo um grupo de assustadas escravas. Em outra cena, um padre, interessado em “vender” suas missas, era apresentado como um “pároco lojista de consciência *elástica*” (CABRION, 23 mar. 1879). Outra caricatura representava os clérigos aferrados à manutenção da religião oficial do Estado Imperial Brasileiro, ao passo que alguns políticos levariam a um certo crédito no futuro, apesar do esforço hercúleo para romper com aquele ditame constitucional. Em tom jocoso, o periódico mostrava alguns “cordeiros pelotenses” recebendo uma “benção papal”, entretanto, ao invés do sentido figurado, mantinha o literal, representando os fiéis de modo zoomórfico (CABRION, 27 abr. 1879). O índio que representava o país era estrangulado por sacerdotes, enquanto a figura feminina que simbolizava a instrução pública era largada à míngua (CABRION, 25 maio 1879).

O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX





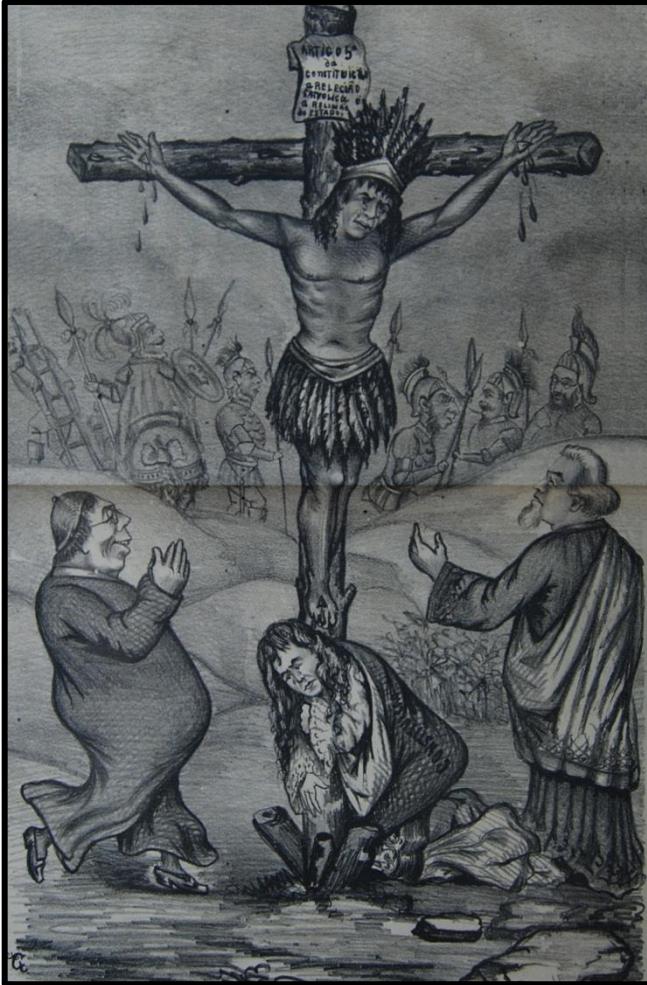
## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX



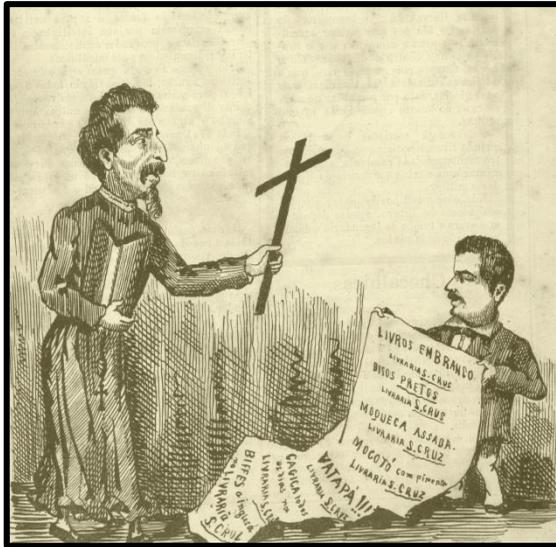
Utilizando-se da própria inspiração religiosa, o *Cabrion* mostrava o Brasil-índio sendo crucificado, diante da alegria dos políticos, travestidos em soldados romanos, e contando apenas com um deles que chorava diante da cena, como “o bom apóstolo”, no que era acompanhado pela figura feminina que representava a constituição. Por outro lado, um padre aparecia muito satisfeito, sendo comparado a um “Judas Iscariotes”, que tripudia “em infernal alegria” (CABRION, 27 jul. 1879). Outra cena trazia um homem que apreciava as contas de uma igreja, sob o olhar de censura de um clérigo, apresentado pela folha caricata como um “mártir santarrão”, “tipo da vaidade” e “hábil charlatão” (CABRION, 12 out. 1879). Até mesmo os jejuns que deveriam ser seguidos pelos sacerdotes, mormente durante a semana santa, eram contestados pelo

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

semanário pelotense, que apontava para “uma coisa singular”, trazendo a figura de um padre bastante gordo e estranhando que “estes senhores jejuam todos os dias e cada vez lhes cresce mais” a barriga (CABRION, 17 abr. 1881).



O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX



Também representante da imprensa ilustrada e humorística pelotense foi *A Ventarola*<sup>13</sup>, editada em Pelotas, entre 1887 e 1890. Em seu cabeçalho, apresentava-se como folha ilustrada e humorística e mostrava em primeiro plano o próprio objeto da ventarola, além de várias alegorias alusivas ao humor, inclusive o bobo da corte, que além do crayon, também portava o leque sem varetas que dava título ao periódico. Seu programa foi expresso por meio de versos e deixava evidenciada sua tendência crítica, humorada e incisiva, ao dizer que manteria “com açúcar seu crayon adocicando” e “em alfinete a pena convertendo”, de modo a seguir o “prolóquio *Castigat mores ridendo*” (*A VENTAROLA*, 10 abr. 1887).

Uma das manifestações anticlericais e *A Ventarola* se direcionou às críticas a um suposto contrato que garantia a recepção de religiosos holandeses em Pelotas, os quais eram representados por aves de rapina que sobrevoavam o oceano e chegavam à cidade, onde se instalavam, mudando de feitura para outra imagem zoomórfica, agora, como bestas, com toda a carga negativa que trazia tal simbolismo, para, finalmente fixados, virem a assediar as mulheres locais (*A VENTAROLA*, 1º jul. 1888). Em outra caricatura, o papa calcava aos pés o índio, figura que simbolizava a nação brasileira, com a afirmação de que “o anacrônico papado” estaria “exercendo a maior pressão sobre o país”, entretanto o periódico manifestava a esperança de uma reação diante de tal situação, a qual era designada pelo indígena, que se reerguia e expulsava o papa a

---

<sup>13</sup> Acerca de *A Ventarola*, ver: ALVES, 2019. p. 66-69; e ALVES, 2020. p. 45-46.

## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

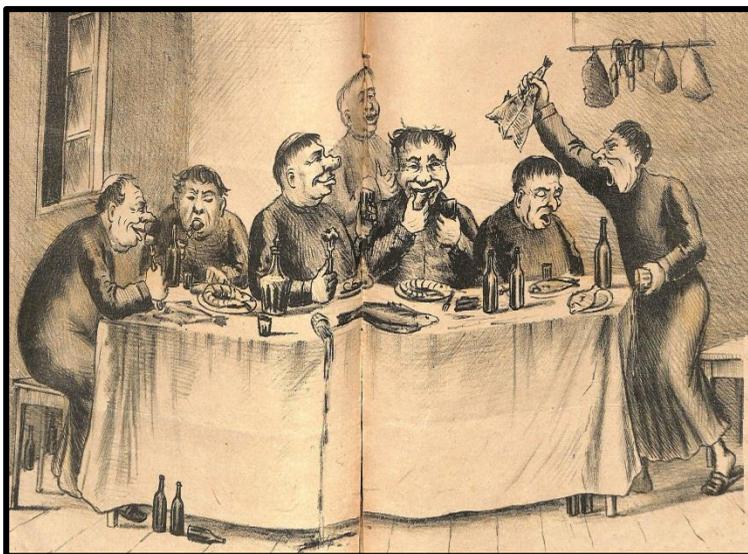
pontapés (A VENTAROLA, 15 jul. 1888). A falta de confiança nos padres era tamanha, que o periódico chegou a mostrar alguns clérigos se desfazendo de móveis que pertenciam à igreja, buscando auferir algum lucro daquele indevido comércio (A VENTAROLA, 24 mar. 1889). Os sacerdotes como glutões foram representados, em plena Semana Santa, perante a regra de jejuar, servindo-se de um laudo banquete acompanhado de bebida, aparecendo uma legenda lacônica e carregada em ironia: “O jejum clerical” (A VENTAROLA, 21 abr. 1889).





O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX





Porto Alegre e Pelotas, como duas das principais cidades sul-rio-grandenses do século XIX, tornaram-se cenários extremamente favoráveis ao desenvolvimento da imprensa periódica. Em meio a tão promissor jornalismo, as publicações ilustradas e humorísticas voltadas à difusão da arte caricatural ganharam terreno e conquistaram popularidade entre o público leitor. Seguindo a linha da maior parte dos representantes de tal gênero, as folhas caricatas porto-alegrenses e pelotenses também voltaram suas construções imagéticas às práticas anticlericais. A Igreja em geral e os padres especificamente foram alvos preferenciais do espírito crítico de tais periódicos, que observavam as mazelas que cercavam o clero e a vida religiosa, uma presença bastante inerente à sociedade brasileira, ainda mais com os vínculos da religião com o Estado, tendo em

## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

vista a oficialidade do catolicismo. Tal caráter oficial e o comportamento de clérigos foram considerados como inaceitáveis pelas folhas ilustradas, de modo que suas ações foram vistas pelo prisma de aberta jocosidade, carregada condenação, densa ironia e pesado sarcasmo.



## O periodismo ilustrado-humorístico rio-grandino e o anticlericalismo

A cidade do Rio Grande constituiu uma relevante comuna rio-grandense-do-sul ao longo dos Oitocentos. Fundada com uma missão essencialmente militar, servindo de baluarte na defesa dos interesses lusos na região platina, a localidade, desde os primórdios do século XIX e afirmando-se durante esta centúria, viria a afirmar-se como o mais importante entreposto comercial sulino, detendo o porto marítimo que serviria para o escoamento da produção pecuário-charqueadora gaúcha e como verdadeira porta de entrada da província, depois estado. Tal perspectiva progressista permitiu um certo aprimoramento cultural da urbe portuária, servindo a mesma como um ambiente propício ao progresso das atividades jornalísticas. Esse meio serviu para o surgimento e manutenção de publicações humorístico-ilustradas que, voltadas à difundir a arte caricatural, mantiveram-se com diversos títulos que se sucederam de modo praticamente ininterrupto entre as décadas de 1870 e 1890.

Um desses periódicos foi *O Diabrete*, que circulou entre 1875 e 1881, constituindo um dos mais importantes

representantes da imprensa caricata rio-grandina<sup>14</sup>. Em sua primeira edição dizia que procuraria “timbrar pelo razoável de suas apreciações e apanhados, erguendo por divisa no pórtico de sua propriedade a legenda”, que lhe serviria de “norma em suas árduas pugnas: *Lectore dilectanti pariterque monendo*”. Figurativamente lembrava que, enquanto todos buscavam livrar-se “da tentação do demônio”, seria um “árduo trabalho” apresentar aquele “diabrete”, pedindo que o leitor “não só se familiarize com ele, como ainda mais, que lhe dispensasse a valiosa e nunca assaz louvada proteção” (O DIABRETE, 4 jul. 1875). Ainda quanto à sua missão, declarava que “a pena do jornalista, como a espada da justiça, deve estar sempre prestes, para, sem distinção, castigar os culpados ou defender as vítimas destes (O DIABRETE, 7 nov. 1875). Levando em conta tal intento, o periódico não poupou os clérigos de suas críticas.

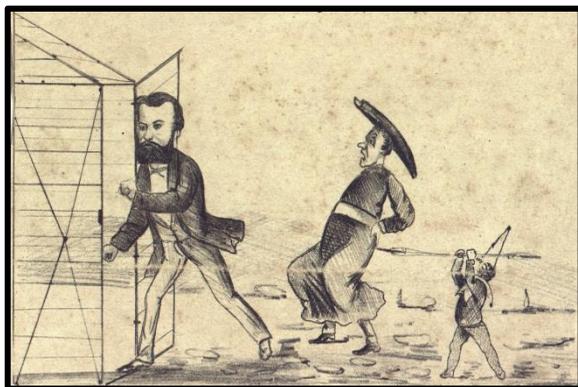
Em uma de suas primeiras manifestações anticlericais, *O Diabrete* lançava seu olhar censório sobre aqueles que estariam a trazer malefícios para a sociedade, de modo que apresentava o bobo da corte – um dos símbolos da arte caricatural – encaminhando para uma jaula um indivíduo e um padre de conduta duvidosa (O DIABRETE, 8 set. 1878). Outra cena mostrava um político chutando um clérigo, além de ameaçá-lo com um látego. Apresentava também um padre indignado com matéria publicada em periódico local, estabelecendo apreciações negativas quanto à figura papal. Aos clérigos eram atribuídas também

---

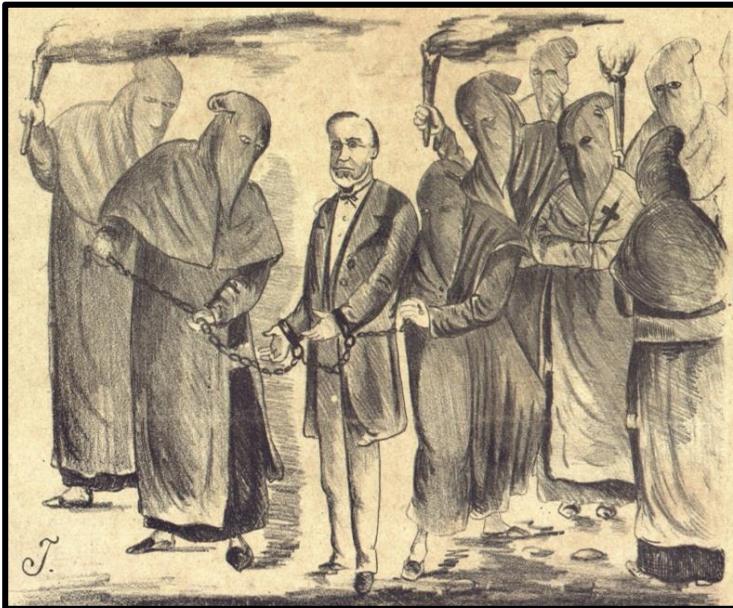
<sup>14</sup> Sobre *O Diabrete*, ver: ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 170-194.

## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

atitudes inquisitoriais, buscando associá-los às práticas repressivas e torturantes da Inquisição, mesmo na contemporaneidade. Nesse quadro, em um desenho certo indivíduo que defendia princípios anticlericais aparecia agrilhado, sendo aprisionado por “padres/inquisidores”, acompanhando a legenda: “Os familiares do Santo Ofício em exercício!... Só falta agora *cevarem-no* à fogueira!...” (O DIABRETE, 15 set. 1878).

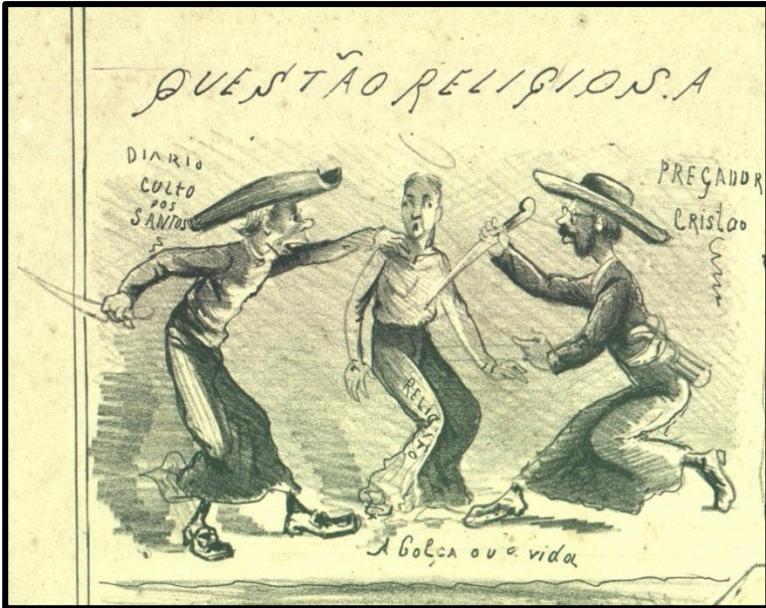


FRANCISCO DAS NEVES ALVES

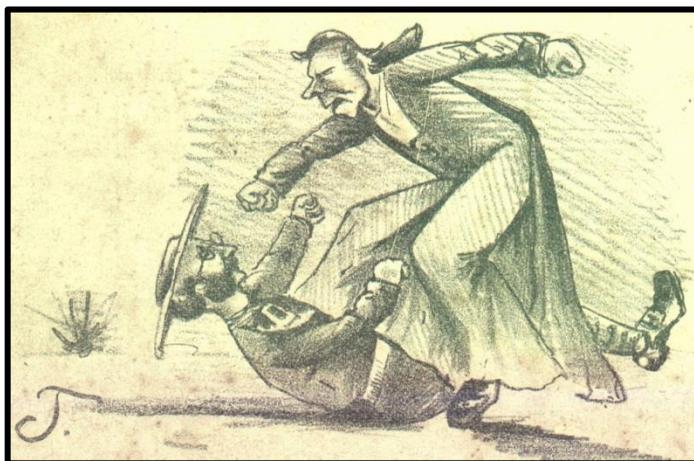


## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

Dois pastores de almas, que representavam periódicos voltados ao jornalismo religioso, eram apresentados como sacerdotes nem um pouco interessados nos assuntos espirituais, mas sim, nos temporais, estando os mesmos a assaltar à mão armada a figura que simbolizava a religião. Sob o título “Questão religiosa”, a legenda era breve e incisiva: “A bolsa ou a vida” (O DIABRETE, 6 abr. 1879). Elegendo como os Judas da sociedade local, o periódico caricato mostrava várias figuras que deveriam ser enforcadas no sábado de aleluia, consideradas como perniciosas à vida social e, dentre elas, destacava-se a imagem de um padre (O DIABRETE, 13 abr. 1879). A associação da Igreja com a Inquisição voltava às representações do semanário, ao apresentar a figura indígena, que designava a nação brasileira, sendo supliciada pelos religiosos e inquisidores. Enquanto isso, era mostrado também um político, defensor de princípios anticlericais, que advogava a causa do índio/Brasil, lançando o questionamento de que aquele tipo de atitude consistia um anacronismo naquele final do século XIX. As rivalidades entre sacerdotes católicos e protestantes foi outro tema abordado iconograficamente pelo crayon do hebdomadário (O DIABRETE, 20 abr. 1879).



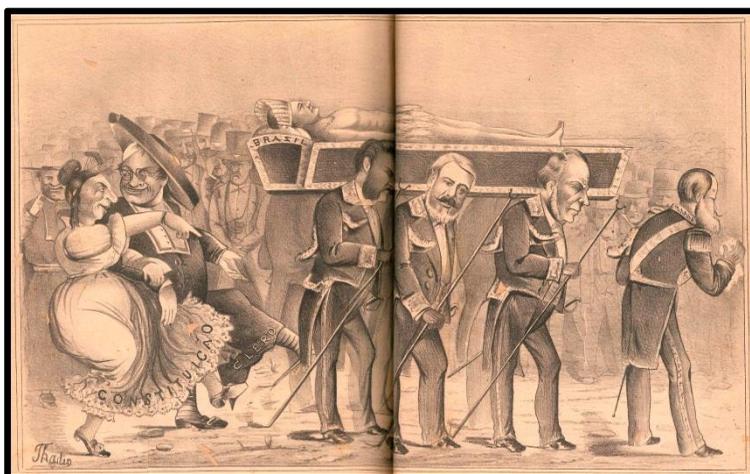
## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX



Houve um inusitado encontro entre um padre, que representava o clero como um todo, e o político Saldanha Marinho, defensor de ideias anticlericais, que prendia àquele pelo pescoço, com o uso de um laço e

ainda a própria figura do demônio, compunha a cena de uma caricatura publicada no *Diabrete*. A legenda se dava na forma de diálogo e demarcava as dificuldades da implementação das práticas em torno do anticlericalismo. Enquanto o “diabo” perguntava: “Que demônio estás tu aí a fazer, homem?”; Saldanha Marinho respondia: “Quero atirar por terra este excomungado que tem sido a causa de todo o nosso mal e há de ser ainda a nossa ruína”. Demonstrando desesperança, o personagem demoníaco concluía: “Ora não sejas pateta! Há quatro mil anos que luto desesperadamente e ainda não fiz coisa que se pudesse ver”; vindo a complementar: “se tu, porém, conseguir o teu intento, confesso que tens mais habilidade que eu, e nesse caso dou a minha demissão” (O DIABRETE, 27 abr. 1879). Com uma legenda que não passava de um ponto de exclamação, demonstrando um forte tom de indignação, o periódico apresentava um funeral do índio/Brasil, sendo o caixão carregado pelos políticos, enquanto outros homens públicos e clérigos acompanhavam o cortejo fúnebre. Logo atrás do féretro, uma figura feminina que representava a constituição e um personagem que designava o clero, de braços dados, pareciam se divertir, em clara alusão à religião oficial, pressuposto demarcado no texto constitucional brasileiro da época (O DIABRETE, 4 maio 1879).

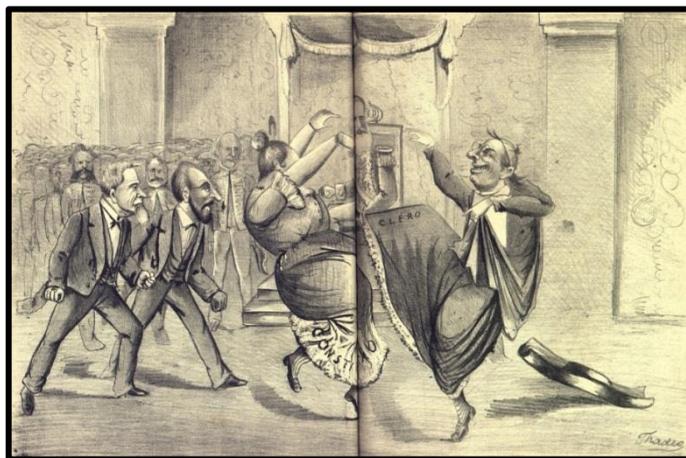
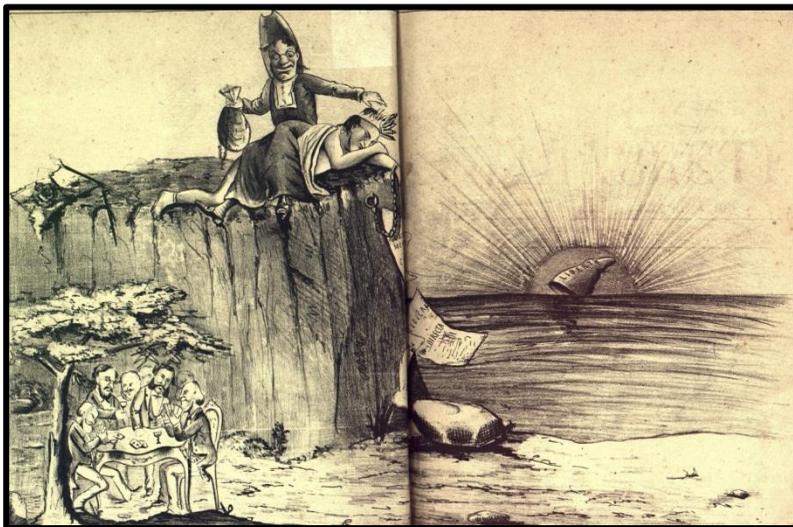
O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX



Em outra representação imagética, ao passo que os governantes jogavam cartas, plenamente despreocupados com a causa pública, o clero assaltava o índio/Brasil que se achava acorrentado à beira de um abismo, em referência à situação vivida pelo país. No horizonte, um barrete frígio, com a expressão “*liberté*”, buscava demonstrar os riscos oferecidos por aquele tipo de situação à forma de governo monárquica. A legenda era explicitada em versinhos: “Enquanto que o Brasil dorme/ Num suplício agrilhado/ Contentes jogam a bisca/ Os nossos homens de Estado// Riem, folgam descuidosos/ À sombra da impunidade/ Mas em breve um sol formoso/ Nos trará felicidade” (O DIABRETE, 11 maio, 1879). Com a manutenção da temática, foi também apresentando desenho em que o “clero” e a “dama/constituição”, dançavam alegremente, diante do olhar impassível do imperador e da reação estupefata de alguns políticos. Aparecia assim, mais uma vez, a perspectiva crítica quanto à presença de um religião oficial no Império Brasileiro, conforme designava a legenda, também na forma de um poemeto: “O padre aqui figuramos/ Como um perfeito galã,/ Com a velha constituição/ Puxando um grande canã.// Para os brios da nossa pátria/ É isso grande desdouro;/ Permita o demo que em breve/ A dança se mude em choro!” (O DIABRETE, 18 maio 1879). Várias aves de rapina, refletindo os males que afligiam o Brasil, eram identificadas com o papado e os clérigos, os quais se encontravam adejando o índio/Brasil, que aparecia agrilhado ao chão, sem defesa diante da ameaça, nem mesmo de alguns políticos, que, trajados como indígenas, se mostravam impotentes diante da cena. A legenda era incisiva: “As aves de rapina, supondo que o

## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

Brasil já é cadáver, andam sinistramente à procura de carniça" (O DIABRETE, 25 maio 1879).

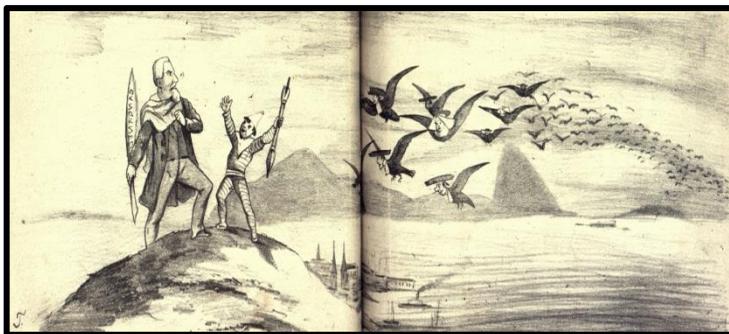
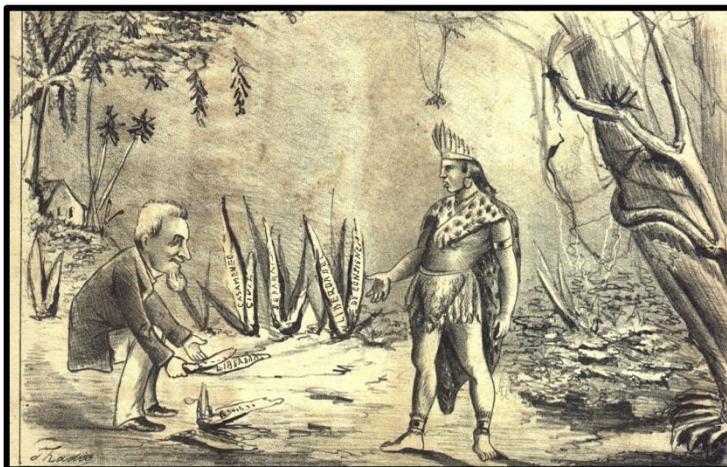




Saldanha Marinho voltou a figurar nas construções iconográficas de *O Diabrete*, dessa vez praticando figurativamente o plantio de alguns dos princípios anticlericais. Enquanto entregava-se à sua labuta, o político encontrava o índio/Brasil, com o qual travava uma conversa pouco animadora e carregada de desesperança. Nesse sentido, enquanto a figura indígena, representando a nacionalidade brasileira, perguntava: “Que fazes aí?”; cheio de expectativas, Saldanha respondia: “Planto estes arbustos, casamento civil, secularizações dos cemitérios, liberdade de consciência e outros”. Como arremate do diálogo, o Brasil/índio dizia: “É inútil, são plantas exóticas que não medram no meu solo... porque os meus feitores não querem” (*O DIABRETE*, 13 jul. 1879). O mesmo personagem público protagonizou outra caricatura, na qual o bobo da corte, representando o caricaturista, conclamava-o para que tomasse alguma providência

## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

diante da aproximação de aves migratórias que designavam a chegada de uma leva de padres e freiras. Apelando para o pseudônimo de Saldanha Marinho, o bobo da corte dizia: “Uma nova calamidade nos espera. Brevemente teremos grande” chegada “de jesuítas machos e fêmeas”, pois “a Europa os expulsa e o Brasil abre-lhe os braços. Alerta Ganganelli!!! Que nós cá estamos. (O DIABRETE, 1º ago. 1880).

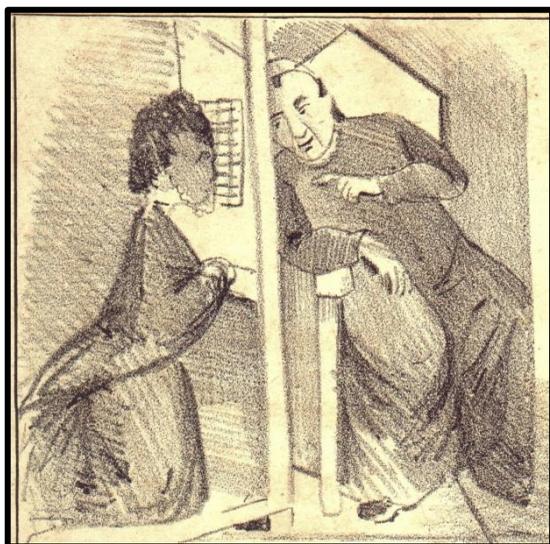
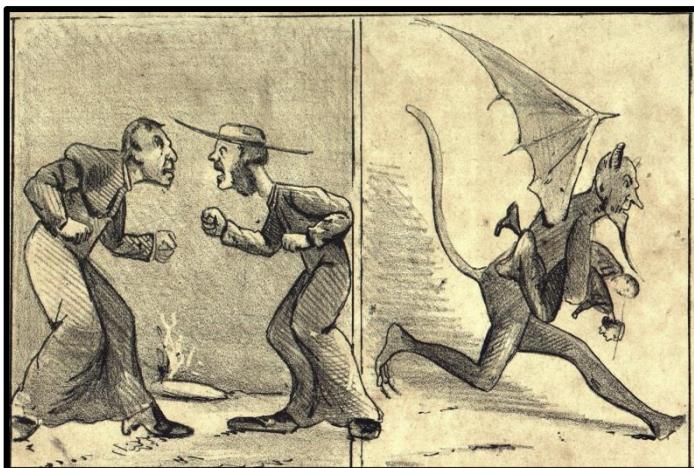


## FRANCISCO DAS NEVES ALVES

O periódico apresentou um sacerdote tendo de manter um equilíbrio, tal qual um malabarista, dizendo: “Amigo vigarinho, de hoje em diante há de dançar um pouco na corda para não ser tão cigano” (O DIABRETE, 18 jan. 1880). A cena na qual um padre e um pastor protestante brigavam entre si, na disputa por “algumas espórtulas”, advindas da celebração de casamentos e batizados, era concluída pelo seminário com o próprio diabo carregando a ambos os religiosos (O DIABRETE, 1º fev. 1880). Dentre vários membros da sociedade rio-grandina que teriam perdido a vergonha, perdendo-se em meio à realização de diversos malfeitos, encontrava-se um clérigo que ouvia a confissão de uma fiel, como se não tivesse ele próprio os seus pecados (O DIABRETE, 14 mar. 1880).

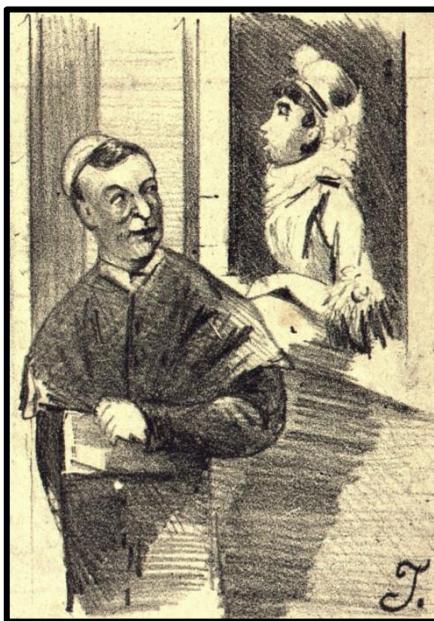


O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

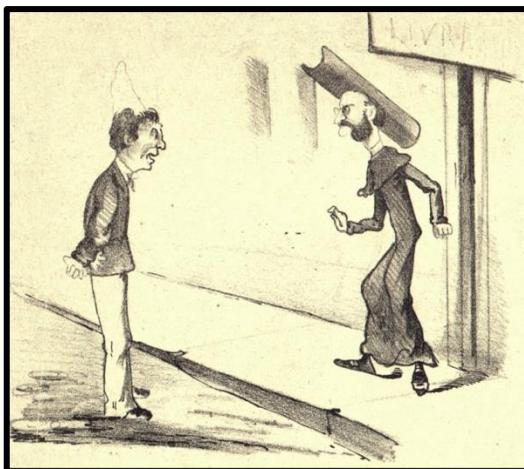


Um padre cometendo um grave pecado, supostamente a romper seus votos celibatários, também

esteve dentre as denúncias anticlericais do periódico rio-grandino. No caso, um clérigo demonstrava mais interesses carnis do que espirituais em uma mulher que se postava em uma janela. A legenda complementava a perspectiva da intenção pecaminosa, sentenciando: “Sr. vigário deixe a viuvinha em paz, do contrário lá vai tudo raso” (O DIABRETE, 10 maio 1880). O tom de denúncia se repetia com a figura do bobo da corte avisando a um sacerdote que saía da livraria, buscando demonstrar o interesse do mesmo nas questões de ganho material: “Com que então seu mascate, vendedor de bíblias, quer se divertir com a rapaziada do pole?... Pois meta-se e depois não se pegue à *la madona*...” (O DIABRETE, 1º ago. 1880).



## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX



O enfrentamento entre o bobo da corte e um religioso que fundara um órgão de imprensa para defender suas ideias também foi apresentado por *O Diabrete*, com ambos digladiando-se - cada qual utilizando sua ferramenta de trabalho, ou seja, o crayon e a pena - ao passo que aquele desafiava o outro, dizendo “faça o jogo”, na certeza de que, em termos jornalísticos levaria vantagem sobre o contendor (O DIABRETE, 15 ago. 1880). Os mesmos personagens voltavam a constituir uma cena, dessa vez complementada pela presença de outro indivíduo que agredia o pastor, ao que o bobo da corte comentava: “Escrever com a cara quebrada é muita força de vontade” (O DIABRETE, 28 nov. 1880). O desafio permanecia e o periódico chegou a imaginar que o bobo da corte viria a montar no religioso, afirmando: “Olha meu missionário, se continuas, brevemente te encilham” (O DIABRETE, 30 jan. 1881). O mesmo pastor chegou a ser apresentado atirado ao chão e calcado aos pés de um

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

indivíduo com o rebenque à mão, figura acompanhada da consideração de que ele “tem sido esmagado por todos os lados” e “não tem achado quartel” (O DIABRETE, 20 fev. 1881).



O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX



Em conjunto caricatural denominado “Quatro sacramentos e algumas verdades acerca dos nossos amigos”, *O Diabrete* buscava demonstrar atos corruptos e de desvio de função de parte dos padres, na execução de algumas de suas atribuições mais corriqueiras, como o batismo, o casamento, a extrema-unção e a confissão, demonstrando a intenção de auferir lucros e/ou vantagens em cada uma delas, concluindo o periódico com o questionamento de como as pessoas frequentavam as igrejas, as quais eram qualificadas como “antros de corrupção” (O DIABRETE, 18 set. 1880). O tema da distribuição dos sacramentos, no caso o casamento, era retomado, com um sacerdote implorando a um superior que sobrassem alguns matrimônios para que ele mesmo pudesse celebrar (O DIABRETE, 13 mar. 1881). A folha caricata via com bons olhos os desentendimentos entre o império e o clero, ato representado pela figura do imperador que chutava um clérigo, enquanto um político comentava: “Graças!... Só nos falta agora a separação da Igreja do Estado!” (O DIABRETE, 23 jan. 1881).

# O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX





Outro periódico caricato rio-grandino foi o *Maruí*, editado entre 1880 e 1882, e cujo título derivava dos incômodos provocados por um mosquito que habita áreas pantanosas, conhecido pelo nome de maruí ou maruim. Nesse sentido, revelava as suas intenções de executar analogamente as atitudes do inseto, ou seja, picar, irritar, produzir ardor ou comichão, promovendo assim certa agitação em meio à sociedade da comuna portuária<sup>15</sup>. Tal folha expressou seu programa por meio de versos, afirmando seu objetivo ao dizer que “se vossos risos brotarem, não hei de sair daqui”, sendo

---

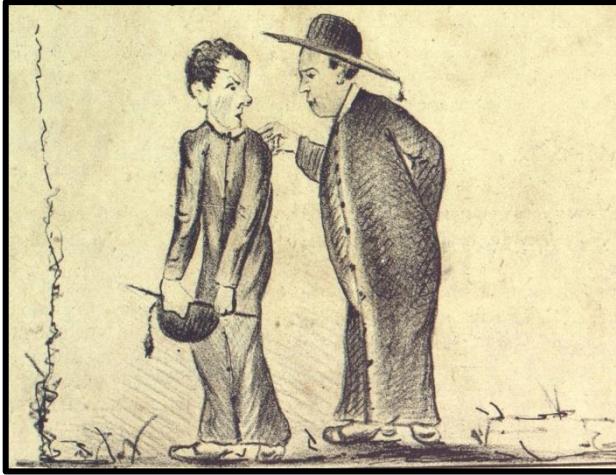
<sup>15</sup> A respeito do *Maruí*, observar: ALVES, 2019. p. 194-217.

## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

“alegre como as crianças, franco, honesto e folgazão”, buscando contar “pilherias a mil” (MARUÍ, 4 jan. 1880). Pretendo realizar um papel moralizador, o periódico afirmava ainda que, “fiel ao seu programa, não pode ficar indiferente” diante dos grandes males que ameaçava a sociedade (MARUÍ, 24 out. 1880). De acordo com tal missão, o anticlericalismo foi um dos temas recorrentes do semanário.

Uma das oportunidades de expressar seu pensamento anticlerical deu-se por meio da conversa entre dois padres, segundo os quais eles não poderiam “ficar sem festas”, pois, através delas, obtinham alguns “cobrinhos”, esperando sempre contar com a fé das “pessoas devotas” e contando com a ajuda de N. S. dos Navegantes, figura santificada a qual era destinada importante festividade religiosa na urbe portuária (MARUÍ, 25 jan. 1880). Com profundo sarcasmo, o *Maruí* se referia a um clérigo que vinha se especializando em proferir conferências, mas que o maior mote de suas orações era o de falar “em benefício dos padres”. Colocando a conduta moral de um sacerdote em dúvida, o periódico, qualificava-o como um “grande pândego”, inclusive usufruindo das brincadeiras típicas do carnaval, pondo-se inclusive a jogar “as bisnaguinhas dentro do passeio”, em alusão a um costume comum naquele festejo (MARUÍ, 1º fev. 1880). Sob o título “Experiência”, o hebdomadário buscava demonstrar os interesses cúpidos dos curas em valores pecuniários, ao negociar a questão da salvação da alma de uma fiel, a qual perguntava: “Se eu desse à sua igreja dez contos minha alma se salvaria?”; vindo a obter por resposta: “Não o posso afirmar, mas creio que vale a pena experimentar” (MARUÍ, 23 fev. 1880).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

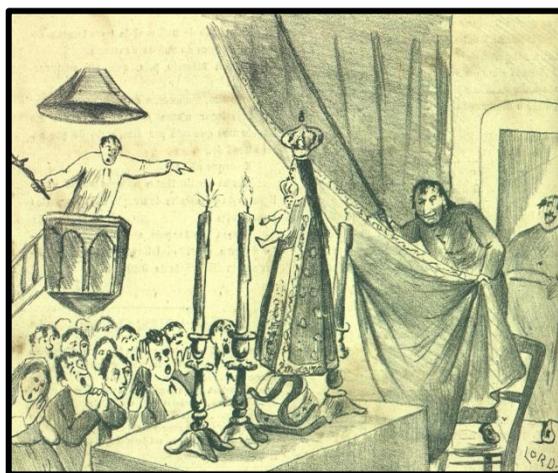


O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

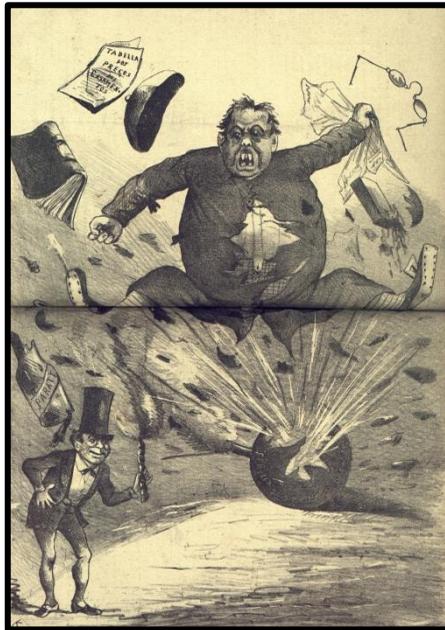


A figura papal também era ridicularizada, ao sentar em um trono cercado de sacos de dinheiro, e “ardendo em cólera”, vibrava “os raios da mais tremenda excomunhão” contra um escritor, de modo que o periódico chamava a liderança católica de “grande ratão”, que “merecia um par de pontapés nas nádegas” (MARUÍ, 4 abr. 1880). Os exageros nas celebrações religiosas eram outro tema abordado pelo semanário, ao referir-se às propaladas espertezas dos padres para enganarem os fiéis, como no caso daqueles que lembravam os “imbecis” do passado, “que achavam um grande milagre” a visão de uma imagem santificada, embora os hodiernos se mantivessem a realizar “o panegírico da virgem” (MARUÍ, 18 jul. 1880). O antagonismo da folha caricata para com o clericalismo foi representado ainda pela presença de um estilizado bobo da corte que desafiava um sacerdote, utilizando-se de seu crayon como uma arma e declarando: “Cá esperamos os jesuítas na ponta da nossa baioneta” (MARUÍ, 1º ago. 1880). O tabelamento do preço dos casamentos foi representado pelo hebdomadário como verdadeira bomba que atingia os interesses dos sacerdotes. Houve também manifestação em tom de pesada censura para com a atitude de certos religiosos, como foi a acusação de que, “apesar da muita chuva que caía, conservou-se na porta da matriz, por mais de duas horas, o corpo de um infeliz estrangeiro”, até virem “os padrecos encomendá-lo”, sendo tal atitude qualificada como uma “desumanidade” dos denominados “ministros de Deus”, que não passariam de uma “corja de mercadores e hipócritas” (MARUÍ, 8 ago. 1880).

O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

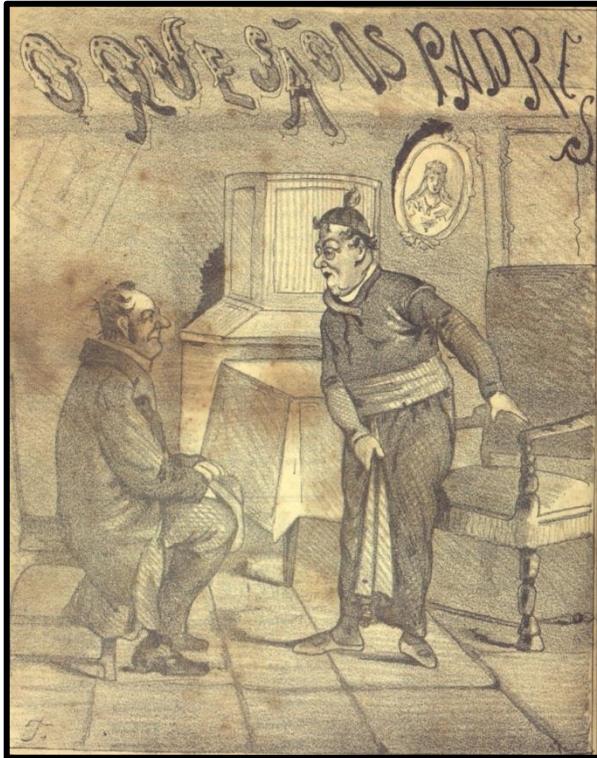
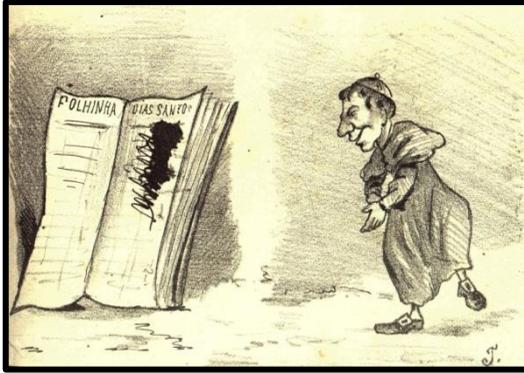


## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX



Em meio às ações anticlericais do *Maruí* esteve uma em que, tendo por base as solenidades religiosas, a representação iconográfica que denotava o “Dia de Todos os Santos”, defendia que o mesmo “deveria ser riscado da folhinha”. Em seguida mostrava um padre a esfregar as mãos, como que cobiçoso pelos possíveis ganhos que adviriam das missas rezadas naquela oportunidade, afirmando que “com certeza não concorram conosco estes hipócritas para quem foi inventado o Dia de Finados” (MARUÍ, 7 nov. 1880). As acusações quanto à cupidez dos sacerdotes ficavam ainda mais explícitas na caricatura intitulada “O que são os padres”, na qual um cura parecia vender um produto para um consumidor. Ao passo que o clérigo advertia: “Eu já disse ao senhor que não digo missa por menos de cinco mil réis!”; o interlocutor argumentava: “Mas padre, isso é uma verba testamentária e são 500 missas”. Diante disso, o religioso concluía: “Ah! isso é outro caso, como é porção faço abatimento (à parte), mas não lhe digo todas” (MARUÍ, 22 dez. 1880).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

A supremacia dos interesses materiais nas atitudes clericais voltou à pauta caricatural do *Maruí* por diversas vezes, como foi o caso das acusações contra um clérigo cujo escopo precípua era o de vender bíblias. Nessa linha em um conjunto iconográfico denominado “Miscelânea”, o periódico buscava apontar alguns elementos que considerava como malefícios para a cidade do Rio Grande e, dentre eles, um padre que se encontrava deitado ao chão, com feições suspeitas, aparecendo a legenda: “Tudo nos persegue, até este mercador de bíblias” (MARUÍ, 2 jan. 1881). A mesma figura voltava a aparecer em desenho acompanhado da inscrição: “Quebra, quebra, rapaziada, a bíblia hoje não vendo, para provar-vos com gosto, como fada um reverendo” (MARUÍ, 9 jan. 1881). O sacerdote vendedor de livros santos era trazido às páginas do semanário de uma maneira bem mais drástica, com a indicação de sua eliminação por enforcamento e uma legenda concisa e mordaz: “Escaparão este ano?” (MARUÍ, 6 fev. 1881). O mascote de bíblias voltou a figurar, entre outros personagens, em um conjunto caricatural, o qual demonstrava que, além dos interesses mercantis, o cura surgia também como um glutão: “Dança, dança minha gente./ Enquanto eu como minhocas./ Salta, salta, meu povinho/ Como no fogo as pipocas” (MARUÍ, 27 mar. 1881).



O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX



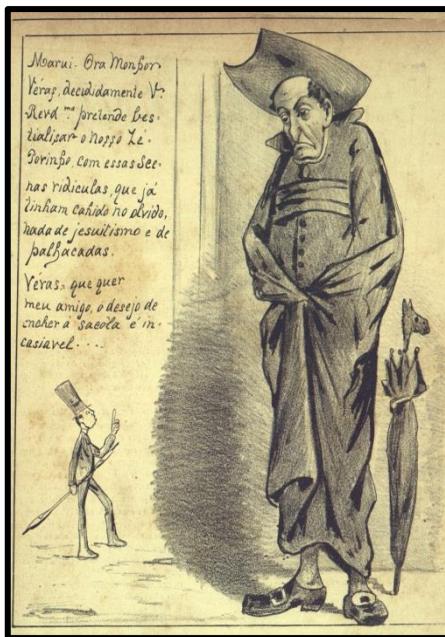




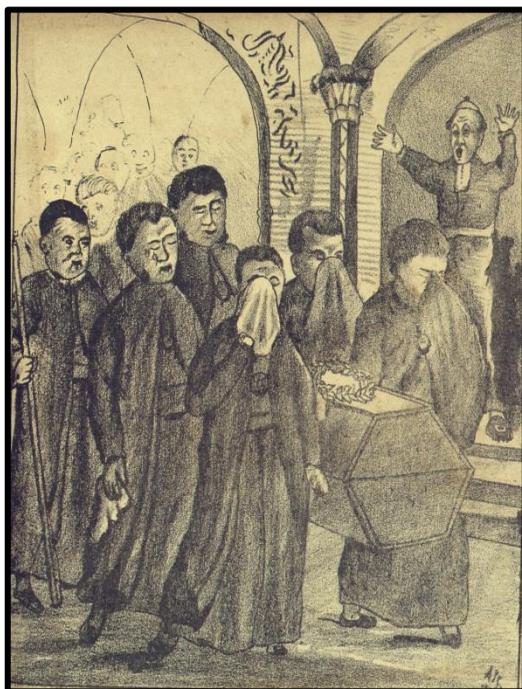
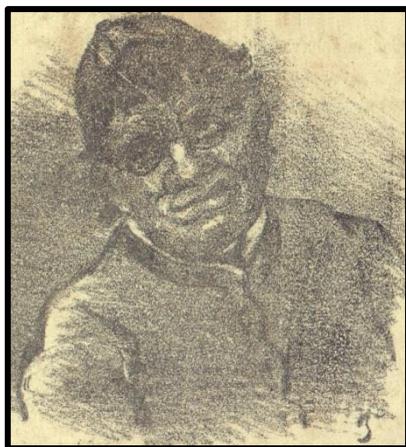
O hebdomadário caricato chegava a fazer troça com os trajes dos padres, indicando que “o clero desta cidade” anda “carnavalescamente vestido”, servindo para “provocar a hilaridade” (MARUÍ, 27 mar. 1881). Clérigos que queriam chamar atenção para a sua presença também eram alvo da jocosidade do periódico, como ao mostrar um sacerdote pronto a badalar um imenso sino, acompanhado da legenda: “O monsenhor tem alarmado a população, com a sua chegada” (MARUÍ, 3 abr. 1881). A representação do caricaturista chegava a admoestar o mesmo religioso, advertindo que este pretendia “bestializar o Zé Povinho”, por meio de “cenas ridículas, que já tinham caído no olvido”, e ainda avisando – “nada de jesuitismo e de palhaças”. Perante tal circunstância, o sacerdote limitava-se a responder: “Que quer meu amigo, o desejo de encher a sacola é insaciável...” (MARUÍ, 10 abr. 1881). A chegada de mais um reverendo na cidade, o qual se encontrava no porto a acenar, era vista com insatisfação pelo periódico, que questionava: “quando teremos bom tempo?” (MARUÍ, 31 jul. 1881). Um outro padre protagonizava caricatura que mais uma vez enfatizava os interesses dos religiosos pelo vil metal, pois o personagem justificava que dissera várias missas por ocasião do Dia de Finados e rezaria tantas outras se recebesse o pagamento devido (MARUÍ, 30 out. 1881). A exagerada presença de clérigos em um funeral foi vista com desconfiança por parte do semanário, que dizia: “Um enterro que nos fez lembrar a nefanda época inquisitorial” (MARUÍ, 25 dez. 1881). As críticas também se estendiam aos exageros de um “carola no templo”, que se perdia em salamaleques frente ao sacerdote (MARUÍ, 16 abr. 1882).

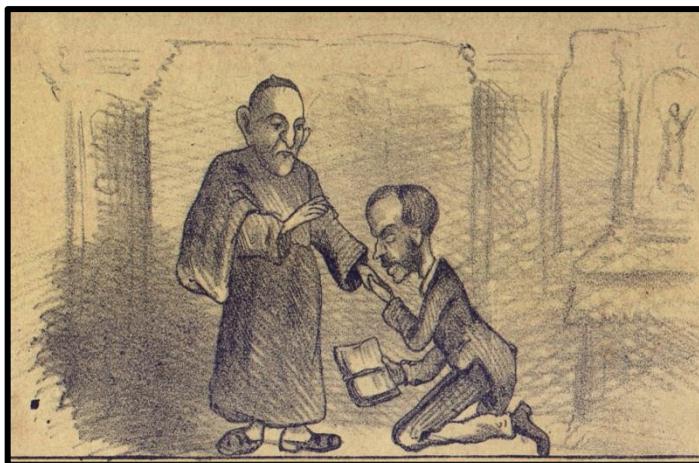
O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX





O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX





Na localidade portuária do Rio Grande circulou ainda o *Bisturi*, cujo título lembrava o utensílio cirúrgico de corte profundo e preciso, bem de acordo com suas intenções editoriais. Foi editado regularmente entre 1888 e 1893, mas continuou a ser publicado com interrupções até meados da década de 1910<sup>16</sup>. Ao apresentar-se, o periódico dizia que, “já nas seções de desenhos, já na redação, guardados os princípios determinados pela urbanidade”, se colocaria em prol da “luta de coerção aos desvios que envergonham”. Nesse sentido, garantia empenhar-se “na extirpação da lepra social dos escândalos, da calúnia, invectivas livres e as alusões imorais” que estariam a desedificar “na prática do comedimento dos mútuos deveres da família social” (BISTURI, 1º abr. 1888). Em consonância com tal espírito,

---

<sup>16</sup> Acerca do *Bisturi*, ver: ALVES, 2019. p. 219-243.

## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

o *Bisturi* não poupou esforços na apresentação de seu viés voltado ao anticlericalismo.

Uma das principais linhas de crítica anticlerical do *Bisturi* concentrou-se em severas censuras ao comportamento dos padres. Nesse aspecto, o periódico ressaltava que os clérigos deixavam de lado os ditames religiosos para satisfazer seus interesses pessoais. A glotonaria, com a presença de curas voltados essencialmente a satisfazer os desejos de seus estômagos, foi recorrente nas páginas do hebdomadário rio-grandino, como ao mostrar um padre que, em plena época religiosa de sacrifícios, se atirava a comer um peixe, ao passo que, para os fiéis, restavam as limitações vinculadas ao ato de jejuar. O protagonista da caricatura dizia despreocupado: “Estamos na Quaresma - Que semana deliciosa!... magnífico burriquete!... suculento manjar” (BISTURI, 1º abr. 1888).

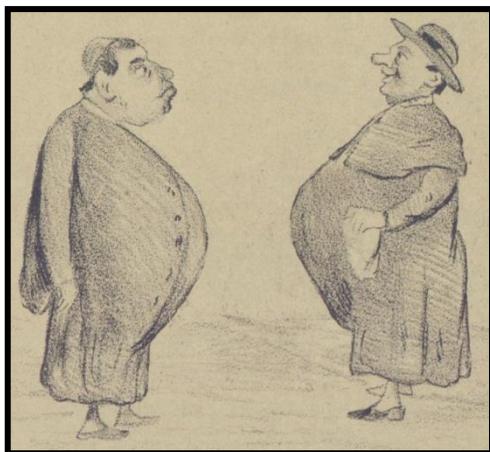
O tema dos exageros gastronômicos dos clérigos voltou à pauta do semanário, ao apresentar, em plena Semana Santa, mais uma vez envolvendo o jejum para a população em geral, vários padres em torno da mesa prontos para se deliciar com uma lauta refeição. Diante disso, o periódico comentava: “Os únicos que nesta semana de *jejum* saboreiam os melhores petiscos e para quem só a bacalhoadada é indigesta...” e ainda complementava: “Uns reverendíssimos gastrônomos que passam a maior parte da vida aderindo a opíparos manjares. Que maganões!... que felizardos!...”. Perante a cena, o bobo da corte, representando a arte caricatural, se limitava a dizer: “Ah! que pena não nos pedirem a nossa adesão!...”. Para completar, a folha ilustrada mostrava a figura de dois curas cujas aparências faziam direta referência aos interesses comensais dos mesmos,

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

limitando-se a legenda a enfatizar: “E que barriga criam eles!... Santo Deus!” (BISTURI, 3 abr. 1892).

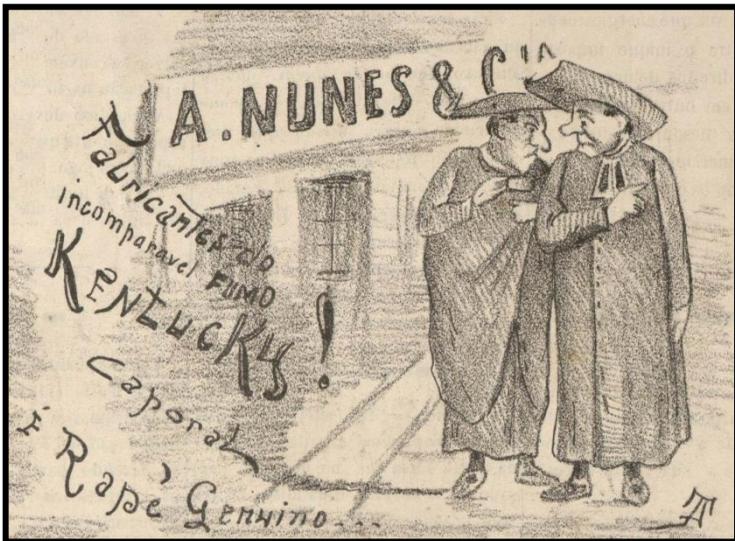


## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX



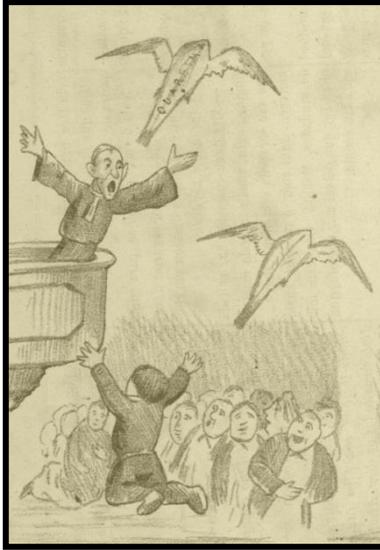
Até mesmo vícios eram imputados aos padres, como expresso na ilustração de um anúncio no qual, em frente a um estabelecimento que comercializava fumo e rapé, dois clérigos conversavam: “Tome uma pitadinha colega, veja que sabor agradável!... O tal fabricante tem *nariz* para a coisa, não lhe perca o número da casa... é genuíno!...” (BISTURI, 24 maio 1891). Quanto aos tantos pecados atribuídos aos curas, a quebra dos votos celibatários também foi denunciada pelo *Bisturi*, ao mostrar um padre que tentava conquistar bem mais do que a fé de uma paroquiana, sendo travado o seguinte diálogo entre ambos: “Mas padre, estamos na Semana Santa!... – Eu te prometo que serás absolvida, confia na palavra do ministro de Deus!”. Tendo outra vez por pano de fundo a Semana Santa, época considerada como de supressão dos prazeres carnavais e mundanos, o periódico trazia a imagem de alguns clérigos dançando e cantando alegremente (BISTURI, 3 abr. 1892). Por outro lado, o hebdomadário denunciava a hipocrisia clerical,

ao exigir tantos sacrifícios e restrições alimentares dos fiéis, mostrando o bobo da corte diante de padres a reclamar do “jejum que nos impõe a Santa Madre Igreja Católica Romana”, constatando que “assim levamos uma semana triste, sorumbático, hipocondríaco, jururu e... submissos ao clássico bacalhau” (BISTURI, 6 abr. 1890).



O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX





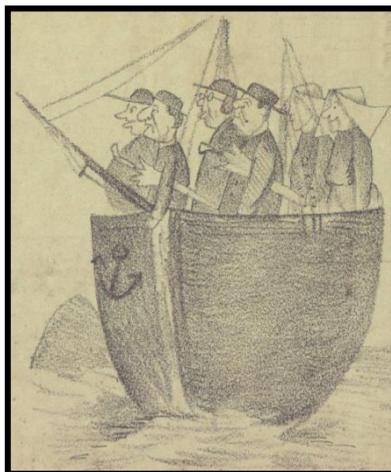
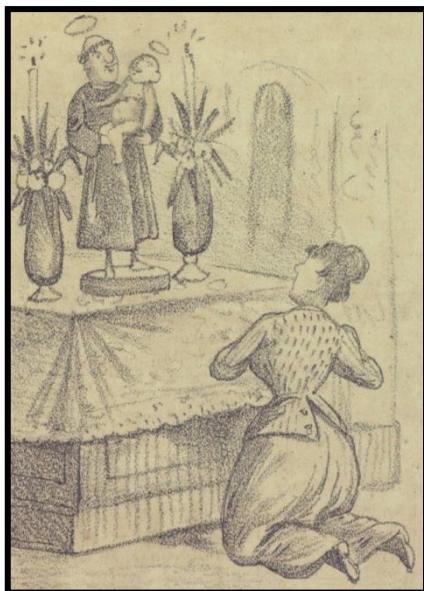
## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

Os interesses de ascensão hierárquica nos quadros da Igreja eram também apontados pelo *Bisturi*, como ao mostrar um clérigo que tentava obter um bispado, ato simbolizado pela pescaria, denotando todo o esforço do mesmo, concentrando-se plenamente na busca do cargo (BISTURI, 12 ago. 1888). O ensino religioso foi outro elemento que recebeu apreciações negativas do periódico, como na cena em que se referia à partida de um grupo musical que se apresentara na cidade, diante do que mostrava um conjunto de crianças a cantar orientadas por um padre, e, cheio de ironia apontava algumas possibilidades de substituição, indicando que, “na falta dos bemóis, temos o terço de Santa Cruz, cantado pelas discípulas da Escola Ernestina” (BISTURI, 11 jan. 1891). A abertura de novos estabelecimentos religiosos também não era bem vista pelo semanário, como ao anunciar o surgimento de mais uma igreja, mostrando uma beata rezando fervorosamente e a chegada de uma embarcação carregada de padres e freiras. Diante disso, a folha destacava: “Vamos ter mais uma igreja... louvado Deus! Santa fartura!... depois disto... um carregamento de padres e freiras... uma nova obra de *Santa Graça* ou um novo sorvedouro das economias públicas...” (BISTURI, 31 jul. 1892).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

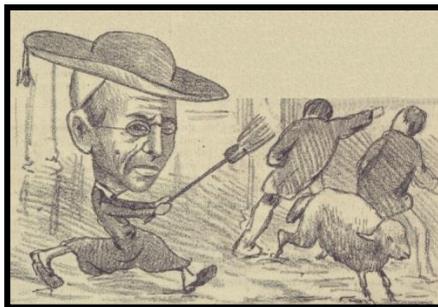


Outro mau comportamento atribuído aos padres foi vinculado a desentendimentos ocorridos nas igrejas, os quais estariam ligados à busca do controle pleno daqueles para com os fiéis, bem como até mesmo uma desvalorização destes por parte daqueles. Nesse quadro, o semanário apresentava a conversa entre um padre e um indivíduo que se desculpava por ter errado em um dos atos religiosos, diante do que o primeiro com desprezo afirmava: “Ora andaste bem, a custódia é luxo que esses *crocodilos* não sabem apreciar” (BISTURI, 1º abr. 1888). Na mesma linha, a folha ilustrada trazia a figura de um clérigo que expulsava os frequentadores de sua igreja a vassouradas, acompanhada da legenda: “Monsenhor Veras anda embravecido com a Irmandade das Dores, já tendo proibido a entrada de um *carneiro* no consistório” (BISTURI, 7 abr. 1889). Em apreciação carregada de crítica e jocosidade, o *Bisturi* trazia os desacertos entre um padre e os membros de uma irmandade religiosa, que se desentenderam quanto à organização de uma procissão, e cujo fundo da negativa do clérigo estaria vinculado a interesses de cunho material<sup>17</sup> (BISTURI, 22 jan. 1893).

---

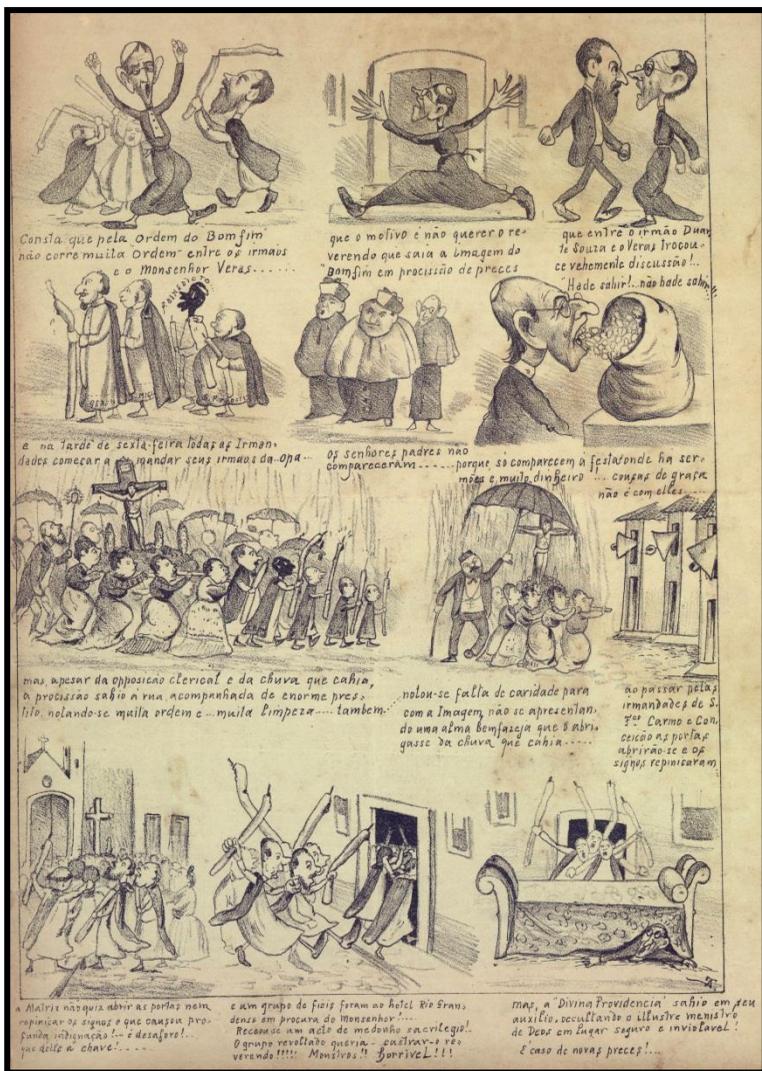
<sup>17</sup> As legendas desse conjunto caricatural eram: “ - Consta que pela Ordem do Bom Fim não corre muita *ordem* entre os irmãos e o Monsenhor Veras... - que o motivo é não querer o reverendo que saia a imagem do *Bom Fim* em procissão de preces... - que entre o irmão Duarte Souza e o Veras trocou-se veemente discussão!... Há de sair! Não há de sair!!! - e na tarde de sexta-feira todas as irmandades começaram a mandar seus irmãos da opa... - os senhores padres não compareceram... porque só comparecem à festas ondes há sermões e muito dinheiro!.. coisas de graça não são com eles... - mas, apesar da oposição clerical e da chuva que caía, a procissão saiu à rua,

## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX



---

acompanhada de enorme préstito, notando-se muita ordem e... muita limpeza... também... - notou-se falta de caridade para com a imagem, não se apresentando uma alma benfazeja que o abrigasse da chuva que caía... - ao passar pelas irmandades de S. Francisco, Carmo e Conceição às portas abriram-se e os sinos repicaram... - a Matriz não quis abrir as portas nem repinicar os sinos, o que causou profunda indignação!... é desaforo!... *quedele* a chave!... - e um grupo de fiéis foram ao hotel Rio-Grandense em procura do Monsenhor!... Receou-se um ato de medonho sacrilégio!... O grupo revoltado queria castrar o reverendo!!! Monstros!!! Horrível!!! - mas a *Divina Providência* saiu em seu auxílio, ocultando o ilustre ministro de Deus em lugar seguro e inviolável! É caso de novas preces!..."



A partir da proclamação da República uma das tônicas das manifestações anticlericais do Bisturi foi a

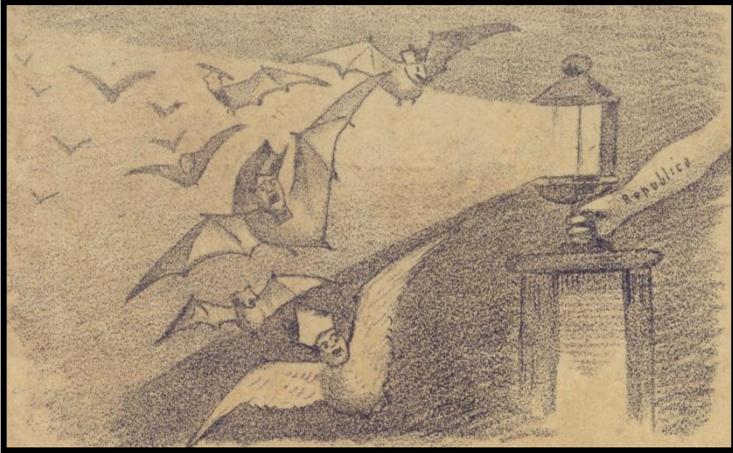
## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

questão da separação da Igreja do Estado, medida adotada pelas autoridades públicas da nova forma de governo. Em um conjunto caricatural, os clérigos eram representados como morcegos, ou seja, eram comparados a um “animal impuro” e um “símbolo de pavor”, significando também “algo de sombrio e de pesado”<sup>18</sup>. Uma mão identificada com a República espalhava luminosidade para espantar os padres, com a legenda: “A luz das instituições do novo regime começa a espantar esses vampiros”. O periódico dizia que os religiosos não queriam perder as suas vantagens, apontando-os mais uma vez como glutões, ao servirem-se de faustoso banquete. Também questionava o princípio da infalibilidade papal, bem como a riqueza excessiva do Vaticano, mostrando o papa carregando uma valiosíssima coroa, sobre a afirmação irônica: “Depois, S. Santidade não precisa dos favores do Estado, é tão pobrezinho que só na cabeça carrega o valor de alguns milhões de contos em pedrarias preciosas... Coitado...”. A figura papal também aparecia impondo pavor aos fiéis, ao apontar os riscos do demônio, ameaçando-os “com os raios do Vaticano”, de modo a “meter medo aos espíritos temeratos”. Ao final, o semanário demarcava a esperança nos novos homens de Estado, com o primeiro Presidente da República, de espada em punho, enfrentando os propalados desmandos da Igreja (BISTURI, 15 dez. 1889).

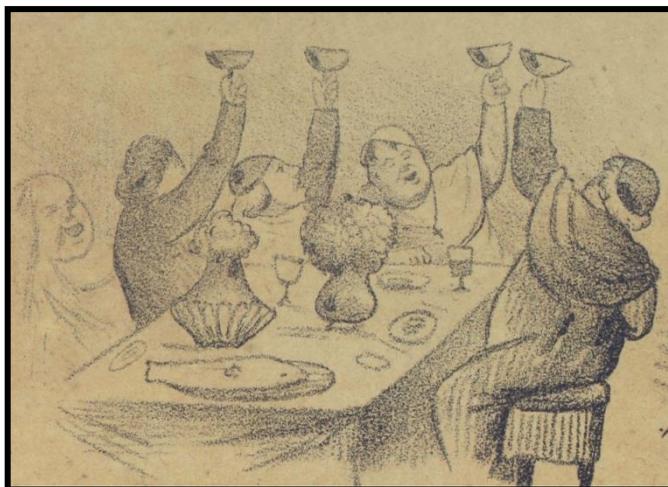
---

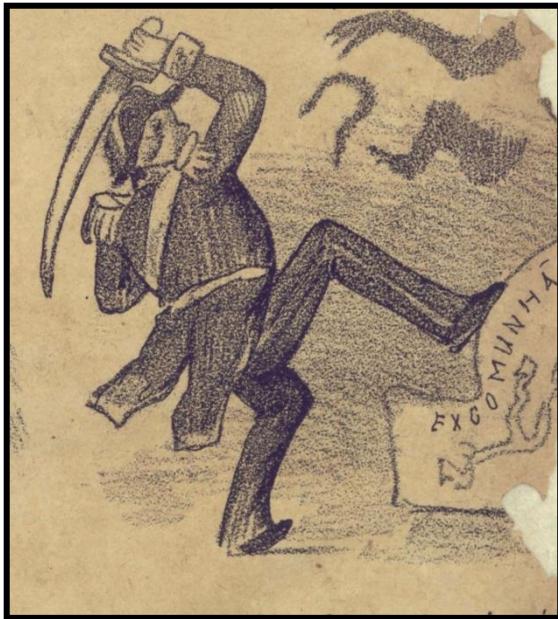
<sup>18</sup> CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 620-621.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



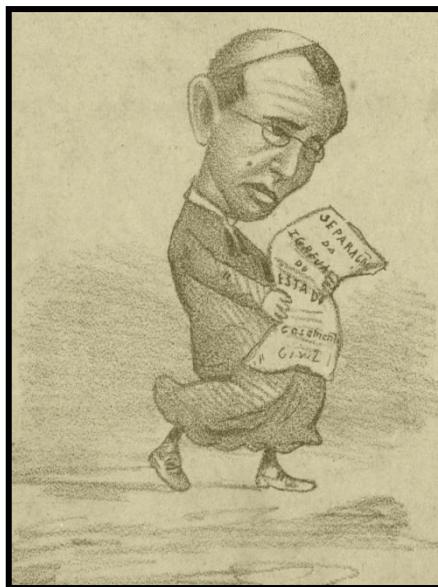
O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX





## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

A respeito do mesmo tema, o periódico apresentava um padre estupefato diante da determinação da implantação do Estado laico e do casamento civil, vindo a folha a constatar que, “enquanto uns choram, outros riem-se” (BISTURI, 19 jan. 1890). A separação da Igreja do Estado também foi representada por uma faca que cortava o ponto de ligação entre dois irmãos siameses, um com o tradicional chapéu dos clérigos e o outro com o barrete frígio, símbolo do republicanismo. Segundo o hebdomadário, tal ato trouxera a ira de parte da figura papal que aparecia indignado subindo uma montanha. A legenda era: “A separação da Igreja do Estado, coisa que parecia muito difícil tem feito o Papa furiosamente subir a serra” (BISTURI, 9 fev. 1890).



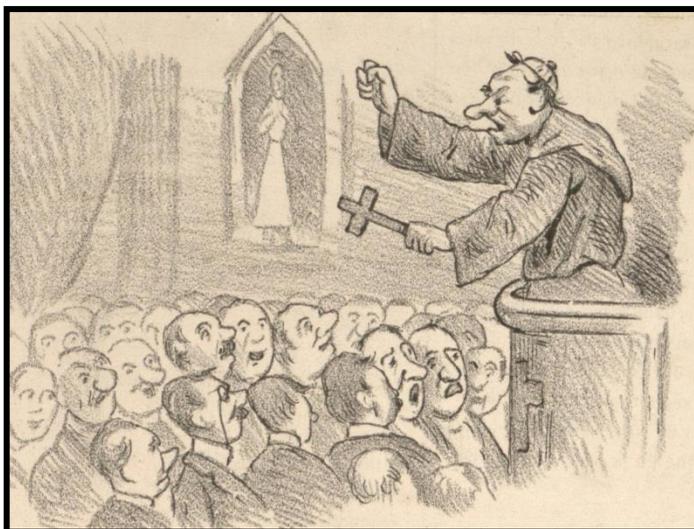


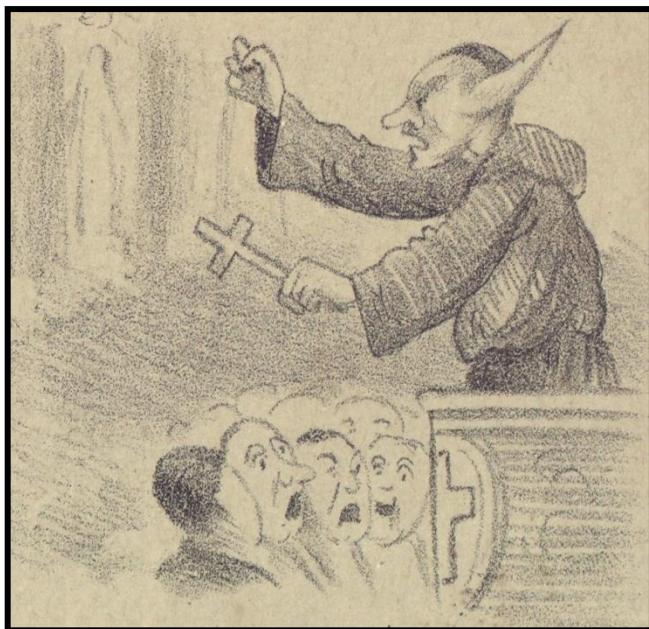
## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

A indignação dos clérigos voltava às páginas do *Bisturi*, ao mostrar um padre “furioso com o casamento civil”, surpreso ao tomar conhecimento do fato e bradando contra o mesmo, com afirmação que lembrava a predominância entre os religiosos dos interesses materiais, a qual era recorrentemente abordada pela folha: “Tirar-nos os casamentos!... o meu maior rendimento, hei de combater semelhante heresia!...” (BISTURI, 4 maio 1890). O semanário apresentava ainda um padre vociferando no púlpito diante dos seus fiéis, passando a noticiar que, “no Rio Grande do Norte, o clero incita o povo à revolta, pregando que o governo pretende acabar com a religião, demolir os templos e acabar com as imagens!...”. Em seguida o periódico lançava mão da figura do bobo da corte que se encarregava de alvejar o religioso, em sinal de desaprovação, seguindo-se a fala: “Ah! padres danados!... é não deixá-los esbravejar e corrê-los a pedradas...” (BISTURI, 7 set. 1890). Tais acontecimentos teriam se repetido também na vizinha São José do Norte, de modo que a folha apresentava o religioso da localidade proferindo um veementemente sermão, com o crucifixo à mão, para estarrecimento dos fiéis, a favor da manutenção do matrimônio religioso. O tom crítico aparecia nas orelhas de burro, colocadas na figura do cura e na legenda: “O padre do Norte prega contra a República e o casamento civil... Ah! padre!” (BISTURI, 20 mar. 1892).



O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX





As próprias inter-relações dos padres com a caricatura, revelando um olhar negativo e preconceituoso, eram expostas pelo *Bisturi*, como ao apresentar desenho no qual um clérigo demonstrava surpresa com a forma pela qual a folha retratara um colega de imprensa de um órgão opositor, servindo de legenda: “Um padre que passava, vendo o Chinês metamorfoseado em jumento, brada colérico -*Vade-retro!*” (BISTURI, 30 ago. 1891). Já em uma situação em que o redator/proprietário do semanário dizia abandonar os assuntos de natureza política, ao “colocar a viola no saco”, tendo em vista a pressão governamental, o periódico brincava ao se referir às repercussões que tal decisão teria provocado na

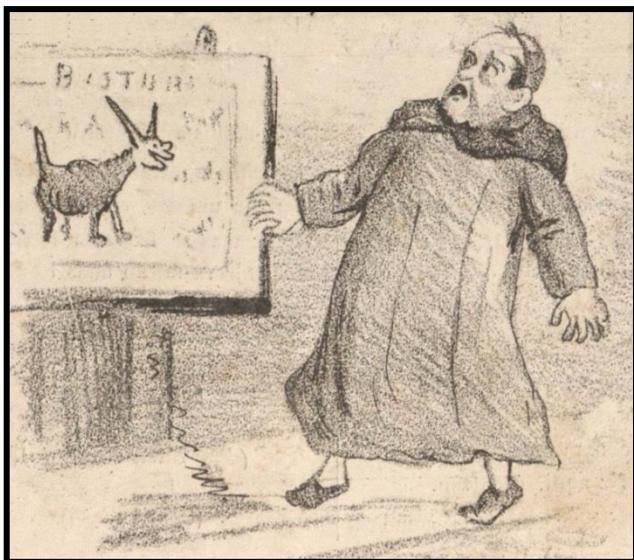
## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

sociedade, inclusive entre os religiosos, vindo a afirmar: “Os grêmios coroados soltaram brados de indignação, ante a nossa resolução, condoídos de não ouvirem os mágicos sons de nossa insubstituível viola...” (BISTURI, 21 out. 1893).

Ao colocar-se à parte das disputas partidárias, o diretor do *Bisturi* apresentava a si mesmo como retornando às suas práticas mais corriqueiras, ou seja, caricaturando um padre, declarando que assim poderia “continuar a exercer a nossa nobre, honrada e divertida profissão” (BISTURI, 31 dez. 1893). Em síntese, o olhar anticlerical do semanário caricato rio-grandino voltava-se contra o conservadorismo e o anacronismo que, segundo ele, predominavam junto à Igreja, não só quanto aos ditames religiosos, mas também no que se refere aqueles vinculados ao convívio social. Em conjunto caricatural, sem perder o tom jocoso, o periódico demarcava tal postura, buscando demonstrar que o catolicismo não abria mão de seus conceitos, por mais antiquados que fossem, chegando a comparar o clericalismo coetâneo com o da época da Inquisição e do Santo Ofício<sup>19</sup> (BISTURI, 5 jul. 1891).

---

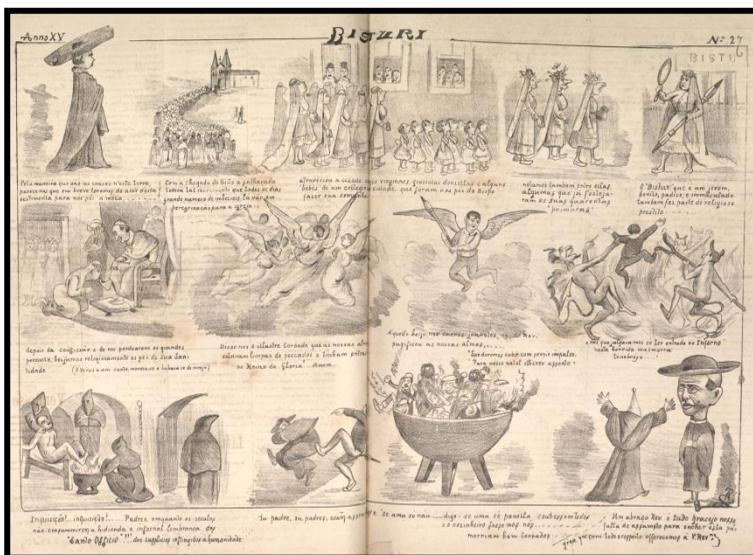
<sup>19</sup> O conjunto caricatural tinha por legendas: “- Pela maneira que vão as coisas nesta terra, parece-nos que em breve teremos de usar desta vestimenta para pôr-nos à moda... - Com a chegada do bispo, a palhaçada tomou tal incremento que todos os dias grande número de imbecis lá vão em peregrinação para a igreja... atravessou a cidade em trajes virginais, graciosas donzelas e alguns *bebês* de um colégio da cidade, que foram aos pés do bispo fazer sua comunhão... - notamos também entre elas algumas que já festejaram as suas as suas quarentas *primaveras*. - o *Bisturi*, que é um jovem bonito, pudico e imaculado, também fez parte do religioso



---

préstito... - depois da confissão e de nos perdoarem os grandes pecados, beijamos religiosamente os pés de Sua Santidade (o Veras, a um canto, mordida-se e babava-se de inveja). - Disseram o ilustre coroado que as nossas almas estavam limpas de pecados e tinham entrado no Reino da Glória! Amém... - Aquele beijo nos sacros joanetes de S. Rev. purificou as nossas almas... "Que devemos subir com próprio impulso para nosso natal etéreo assento"... - e nós que julgávamos só ter entrada no inferno, nesta horrída masmorra tenebrosa... - Inquisição!... inquisição!... Padres, enquanto os séculos não consumirem a hedionda e infernal lembrança do Santo Ofício!!! dos suplícios infringidos à humanidade... - tu padre, ou padres, serão assim [...], e se uma só nau - digo, se em uma só panela coubessem todos e o cozinheiro fôssemos nós... morriam bem torrados. - Um abraço Rev. é tudo gracejo nosso, falta de assunto para encher esta página que, com todo o respeito, oferecemos à V. Revma."

## O ANTICLERICALISMO NA CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX



Desse modo, o anticlericalismo trazia em seu âmago o antagonismo para com o “cristianismo pervertido e acomodado a interesses de poderes mundanos”, bem como “a condenação dos que abusam e deturpam a doutrina cristã”. Nesse sentido, na ação

anticlerical “inscreve-se uma vontade de poder promotora de novos ideais de sociedade e de cultura”, opondo-se e resistindo aos “poderes instituídos nos quais sobrevive total ou parcialmente o modelo axiológico”<sup>20</sup>. Nesse quadro, na prática da crítica social e de costumes, os semanários voltados à arte caricatural da cidade do Rio Grande não pouparam esforços para manifestar seu pensamento anticlerical, buscando demonstrar uma realidade em que os padres eram o alvo principal, apresentados em geral como preguiçosos, glutões e cobiçosos, estando mais preocupados com o material do que com o espiritual, bem como atentando contra diversos dos votos aos quais haviam prometido, como no caso do celibato. A oposição de tais periódicos também se destinou à Igreja, considerada como uma instituição perniciosa e dona de práticas anacrônicas as quais teriam trazido diversos prejuízos à formação da sociedade brasileira.

---

<sup>20</sup> ABREU, Luís Machado de. O trono e o altar no discurso anticlerical português. In: POLÓNIA, Amélia; RAMOS, Luís A. de Oliveira & RIBEIRO, Jorge Manuel Martins (coords.). *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*. Porto: Universidade do Porto, 2001. p. 40.



# COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
www.uab.pt

Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais  
2020-2025



BIBLIOTECA  
RIO-GRANDENSE



9 786553 060272

ISBN: 978-65-5306-027-2